

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS EAD

BETINA LUCIA MAIA

SUICÍDIO JUVENIL:
Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia

Tramandaí/RS

2023

BETINA LUCIA MAIA

SUICÍDIO JUVENIL:

Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia

Trabalho de conclusão de curso que tem por objetivo a obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte.

Orientadora Prof. ^a Dr. ^a Daniela Oliveira
Coorientadora Prof. ^a Dr. ^a Carla Souza de Camargo

Tramandaí/RS

2023

CIP – Catalogação na Publicação

Maia, Betina Lucia

SUICÍDIO JUVENIL: Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia / Betina Lucia Maia. 2023.

54 f.

Orientador: Daniela Oliveira

Trabalho de conclusão de curso graduação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais EAD, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Contribuição Teórica sobre Suicídio entre Jovens. 2. O tema do Suicídio na Escola. 3. Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de Sociologia frente ao Problema do Suicídio entre Jovens. I. Oliveira, Daniela, Carla Souza de Camargo. SUICÍDIO JUVENIL: Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia.

BETINA LUCIA MAIA

SUICÍDIO JUVENIL:

Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia

Trabalho de conclusão de curso que tem por objetivo a obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte.

Orientadora Daniela Oliveira
Coorientadora Carla Camargo

Data de aprovação: 18 de janeiro de 2023

Banca examinadora

Prof. ° Dr. ° Daniel Gustavo Mocelin

Prof. ° Me. ° Yara Paulina Cerpa Aranda

Prof. ° Dr. ° Daniela Oliveira

RESUMO

Em constante movimento, a sociedade contemporânea é palco de altos índices de suicídio juvenil. Diante disto, surgem inúmeros questionamentos que fomentam a intencionalidade do estudo e aprofundamento da temática com vistas na interpretação deste problema social. Sendo assim, este trabalho objetivou explorar elementos teóricos sobre o assunto, bem como compreender a realidade de uma instituição escolar do interior do Rio Grande do Sul e de seus educandos ligada à questão do suicídio. Ademais, concebeu-se a interpretação dos papéis da escola e da disciplina de sociologia enquanto agentes educacionais de nível médio frente ao problema do suicídio juvenil. A metodologia eleita para a realização do trabalho foi a pesquisa qualitativa, tendo como métodos de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Como resultado da pesquisa encontrou-se a família como agente potencializador de conflitos, além disso, concebeu-se grandes dificuldades na relação família/escola. A disciplina de sociologia se evidencia como sendo um campo de formação integral do indivíduo gerando autonomia ao colaborar no gerenciamento de critérios para vivência da sua cidadania.

Palavras-chave: suicídio, suicídio juvenil, escola, docência, sociologia.

SUMARRY

In constant movement, contemporary society is the scene of high rates of youth suicide. In view of this, numerous questions arise that encourage the intentionality of the study and deepening of the theme with a view to interpreting this social problem. Therefore, this work aimed to explore theoretical elements on the subject, as well as to understand the reality of a school institution in the interior of Rio Grande do Sul and its students linked to the issue of suicide. Furthermore, the interpretation of the roles of the school and the discipline of sociology as medium-level educational agents facing the problem of youth suicide was conceived. The methodology chosen for carrying out the work was qualitative research, using bibliographical research and field work as data collection methods. As a result of the research, the family was found to be a potentiating agent of conflicts, in addition, great difficulties were conceived in the family/school relationship. The discipline of sociology is evidenced as being a field of integral formation of the individual generating autonomy by collaborating in the management of criteria for living their citizenship.

Keywords: suicide, youth suicide, school, teaching, sociology.

SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. Contribuição teórica sobre suicídio entre jovens	19
3. O tema do suicídio na escola	28
4. Papéis e possibilidades do ambiente escolar e da disciplina de sociologia frente ao problema do suicídio entre jovens	41
5. Conclusão	48
Referências	50
Apêndices	53
Anexos	54

1. INTRODUÇÃO

Em constante movimento, a sociedade, no decorrer de seus dias, apresenta eventos que podem ser considerados reflexos da teia social que os reproduz; através da comunicação interpessoal entre os indivíduos; assim como dos processos de sociabilização protagonizados pela grande massa. Diante disso, percebe-se a sociedade contemporânea como sendo palco de situações que representam as particularidades que concebem o organismo social, de diversas faces e contextos. Desta forma, constatam-se ocorrências que podem ser consideradas problemas sociais, mas principalmente problemas a serem apurados, dentre eles podemos citar: a precária relação entre ser humano e natureza, a fome, a prostituição e o abuso de crianças e adolescentes, a desigualdade social, a dependência química, a violência, a LGBTfobia, o racismo, o suicídio juvenil, a intolerância religiosa, entre outros.

Dito isto, importa-se ressaltar que a investigação destes acontecimentos pode gerar formas de compreensão destes problemas. Ou seja, através de análises pode-se gerar possibilidades de entendimento sobre as motivações que constroem determinados fatos. Isto abarca as intenções, os comportamentos, a cultura de determinado grupo, as possíveis alienações, dados numéricos, entre outros fatores que correspondem à realidade destes fenômenos sociais. Em consequência desta percepção e raciocínio, e diante do cenário atual, percebeu-se que estes seriam possíveis temas geradores de problemas sociológicos, oportunizando a pesquisa. Sendo assim, diante do anseio por obtenção de respostas que lograssem contribuir para a construção de material de estudo, elegeu-se a temática do suicídio juvenil como sendo pano de fundo ao labor.

Dados do relatório da Organização Mundial de Saúde apontam que o Brasil ocupa a oitava posição em números totais de suicídios. Em 2014, 420 mil pessoas morreram vítimas de guerra, enquanto 850 mil pessoas foram vítimas de autoextermínio. Sendo assim, configurando-se como um problema mundial de saúde pública, constitui-se uma das dez maiores causas de morte em todos os países, e uma das três maiores causas de morte entre os jovens de 15 a 29 anos no mundo (OMS, 2018; PENSO, 2020).

Segundo a insurtech¹ brasileira Azos² estima-se que entre 2014 e 2019, o número de suicídios no Brasil aumentou em 28%. Foi neste período, que de acordo com o levantamento de dados, subentende-se que o número de pessoas que tiraram a própria vida passou de 9,7 mil para 12,4 mil. Além disso, em matéria no site da UOL descreve-se um aumento considerável de casos que representam uma estimativa de 49,6%, entre os jovens de 11 a 20 anos. O mesmo site mostra que existem numerosas ocorrências de autolesão não suicida por parte de jovens e adolescentes e que as mesmas podem ser consideradas um problema classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV (DSM-5), e que têm superado as relacionadas ao uso de substâncias capazes de causar dependência química. Contudo, é sabido que os registros das tentativas concluídas não são fidedignos à realidade, e as tentativas sequer são contabilizadas, o que dificulta a compilação exata das estatísticas (BOTEGA, 2010).

Ainda de acordo com a *Folha informativa sobre suicídio*, da OMS, destaca-se ainda uma estreita relação entre suicídio e distúrbios mentais, em particular a depressão e o alcoolismo (PENSO, 2020). Os dados sobre os países são compilados e divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), calculados para o ano de 2015 e divulgados em 2018 mostram que a média global da taxa de suicídios por 100.000 habitantes foi de 10,7. Segundo as grandes regiões, há forte variação, desde o Mediterrâneo Leste (3,8), passando por África (8,8), as Américas (9,6) e Sudeste da Ásia (12,9) até a maior prevalência observada na Europa (14,1). Neste aspecto, a taxa brasileira de 6,3% situa-se bem abaixo da média global e das grandes regiões (RIBEIRO et al. MOREIRA, S/D)³.

Seguramente dados como estes colocam o suicídio juvenil em evidência e como um viés complexo da sociedade contemporânea que pode ser visto como um problema sociológico devido o mesmo ser capaz de configurar-se como um fato social que tem potencial para gerar objetos de estudo e investigação aos cientistas sociais, bem como religiosos, profissionais da área da saúde que buscam compreender o fenômeno, suas causas e consequências. Para além destes campos de estudo e conhecimento, neste trabalho busca-se resgatar a figura do professor, e neste caso especificamente a sociologia escolar, como forma de construir uma correlação entre problema social, instituição escolar, saberes disciplinares e prática docente oportunizando

¹ Insurtech é a junção de dois termos em inglês: *insurance* (seguro) e *technology* (tecnologia). Assim, ele engloba as empresas de seguros que baseiam as suas atividades na tecnologia. Disponível em: <<https://www.azos.com.br/vida-segura/o-que-sao-insurtechs>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

² A Azos é um exemplo de empresa de seguros de vida individuais, enquanto outras são relacionadas a seguros para bens. Contudo, elas possuem uma característica geral no funcionamento: a aplicação de tecnologia, seja no desenvolvimento do produto, na contratação ou contato com o cliente. Disponível em: <<https://www.azos.com.br/vida-segura/o-que-sao-insurtechs>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

³ Nosso país fica atrás da Índia, da China, dos Estados Unidos, da Rússia, do Japão, da Coreia do Sul e do Paquistão e ocupa a oitava posição no ranking do suicídio juvenil (OMS, 2018).

a mobilização de saberes, o exercício da escrita e em consequência disso, a construção de conhecimento.

O suicídio acompanha as mudanças na humanidade e a cada tempo encontramos múltiplas formas, circunstâncias e significados que determinam dependências aos princípios sociais, religiosos, intelectuais, filosóficos e econômicos segundo a época (JORGE; LAURENTI, 1997). Sendo assim, concebendo-o como um problema social da juventude, o mesmo deve ser tratado dentro do contexto escolar, e presume-se que o igual seja visualizado por uma ótica da atualidade. Entretanto, haja vista a necessidade de compreender qual seria a forma ideal de abordagem do problema do suicídio juvenil, eis a questão que suscita este trabalho: papéis e possibilidades da escola, do ambiente escolar e da disciplina de sociologia.

Em nossa pesquisa, os entrevistados relataram comportamentos suicidas, como por exemplo: o isolamento social, a depressão, problemas trabalhistas, etc. Porém, foram as relações familiares as mais indicadas como sendo as causas dos problemas que levam o jovem a auto mutilar-se ou então ter pensamentos suicidas. No caso da família são identificados como fatores de risco a rigidez excessiva e as altas expectativas por parte pais, o abandono físico ou emocional da prole, os atos de violência, histórico familiar de doenças mentais, o abuso considerável de álcool e drogas (BARRÓN et al. 2016).

Apesar dos dados compartilhados pelas mídias que enaltecem o problema do suicídio entre jovens, existem grandes limitações no que corresponde as possibilidades de divulgar e de debater publicamente o assunto, pois considera-se que a inteiração do problema e o diálogo possam gerar efeitos de contágio, – este receio em falar também foi visto por parte do diretor que assegurou que os professores falam sobre depressão e ansiedade, mas nunca sobre suicídio diretamente – porém a omissão e a não preocupação demonstrada neste quesito inibe a percepção dos indivíduos sobre a necessidade de considerar os fatos e sobre a responsabilidade social que cabe a todos nós (BARRÓN et al. 2016). Neste embalo, nota-se a necessidade de dialogar a respeito deste fenômeno, bem como de se preparar para tal propósito, pois é, desta forma, que se verificam os processos de prevenção realizados. Falar sobre o suicídio juvenil caracteriza o problema como algo que pode ser evitado, prevenido, como todo e qualquer outro evento que leve a morte. Portanto, considera-se diante desta proposta de esclarecimento e prevenção admitir que nenhum caso a morte seria a solução para os problemas da vida e que se este fato ocorresse deveríamos subentender que algo definitivamente não está certo (BARRÓN et al. 2016).

Em conformidade com os elementos teóricos apresentados até então, este trabalho objetiva de uma maneira geral compreender de que forma a escola, o ambiente escolar e a

disciplina de sociologia atuam frente à problemática do suicídio entre estudantes de ensino médio. Decerto, para lograr êxito, subtede-se ser necessário percorrer etapas, as quais apresento como objetivos específicos: (a) realizar uma análise do problema do suicídio entre jovens segundo contribuições da bibliografia; (b) mostrar como a escola trabalha o tema do suicídio com estudantes do ensino médio, trazendo o exemplo de uma escola em Sobradinho/RS; (c) discutir a potencialidade da disciplina de Sociologia no tratamento do tema do suicídio no ensino médio.

Para tanto, como metodologia de trabalho elegeu a pesquisa qualitativa que não se concentra em representatividades numéricas, mas, sim, em aprofundar-se na compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Bem como, defende-se a ideia de que o pesquisador não deve fazer julgamentos, muito menos permitir seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Como procedimentos de pesquisa utilizados foram adotados a pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. De acordo com as referências, a pesquisa bibliográfica desenvolve-se a partir do levantamento de considerações teóricas já analisadas anteriormente, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como por exemplo, livros, artigos científicos e páginas de web.

Além disso, compreende-se que todo o trabalho científico se inicia com uma pesquisa bibliográfica, isto porque o mesmo permite ao pesquisador vir a conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Porém existem pesquisas científicas que apenas baseiam-se na pesquisa bibliográfica, e procuram referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher dados, informações ou conhecimentos até então já adquiridos sobre o questionamento, problema e/ou fato o qual se busca uma resposta (FONSECA, 2002, p. 32). A pesquisa de campo, por sua vez, caracteriza-se pelas ações investigativas que vão além da pesquisa bibliográfica e/ou documental. Ou seja, onde se realiza a coleta de dados junto a pessoas, e tem como recurso diferentes tipos de pesquisa, podendo ser pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc. (FONSECA, 2002).

Seguindo uma proposta e um roteiro de trabalho iniciaram-se as atividades de pesquisa de campo considerando as contribuições de Fonseca (2002) que a caracteriza por investigações que vão além de pesquisa documentais e bibliográficas, ou seja, realiza-se uma coleta de dados junto às pessoas. Englobando um enfoque qualitativo preocupou-se, com os aspectos da realidade da escola observada, e o foco das ações permeiam a ideia de compreender e explicar a dinâmica que envolviam as relações sociais naquela instituição (GERHARDT et al; 2009). Sem esquecer é claro, do nosso problema social abordado: o suicídio juvenil.

O interesse pela temática e as motivações para o trabalho derivam da não popularidade do assunto. Ou seja, considerou-se que não se fala sobre suicídio de forma frequente, principalmente no que corresponde ao público juvenil. Sendo assim, pensou-se abordar a temática como forma de reforçar a relevância do problema social, principalmente tratar sua correlação com o contexto escolar e a disciplina de sociologia. Outro fator determinante para a escolha do tema foi a necessidade de preparo profissional para o futuro exercício da docência, exclusivamente no que se refere a abordagem do tema em sala de aula.

Assim sendo, o presente documento irá organizar-se de acordo com a seguinte estrutura: além desta introdução apresenta-se o capítulo 1 como sendo uma compilação de contribuições teóricas sobre a problemática do suicídio entre os jovens; no capítulo 2 serão expostos alguns aspectos sobre como a temática do suicídio está sendo trabalhada dentro da instituição escolar, a partir de contribuições da literatura e dos resultados do trabalho de campo; já no capítulo 3 discute-se o papel da instituição escolar e a potencialidade da disciplina de sociologia no tratamento do tema do suicídio no ensino médio; por fim apresenta-se a conclusão.

2. CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA SOBRE SUICÍDIO ENTRE OS JOVENS

É perceptível como o comportamento suicida em crianças, adolescentes e jovens aumentou nas últimas décadas. Considera-se adolescentes as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos e os princípios e diretrizes de políticas públicas para este grupo aplica-se excepcionalmente pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, intitulada Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Já de acordo com a Lei de nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Tal lei visa instituir o Estatuto da Juventude dispendo sobre os direitos dos jovens, bem como os princípios e as diretrizes das políticas públicas para a juventude e a manutenção do Sistema Nacional de Juventude (BRASIL, 2013).

Na língua portuguesa o substantivo masculino suicídio tem por significado a “ação de acabar com a própria vida, de se matar: ele cometeu suicídio”⁴. Pode-se também recorrer ao sentido figurado da compreensão de um fato caracterizado por gerar infelicidade, ou seja, “desgraça ocasionada por uma atitude, um comportamento, pela falta de senso ou de percepção”⁵. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), o suicídio consiste em um ato intencional para acabar com a própria vida. De acordo com dados da organização, o fenômeno está aumentando em todos os países, especialmente em países com alto desenvolvimento tecnológico, onde as causas mais importantes de morte são as chamadas "doenças do desenvolvimento" – cardiovasculares, cerebrovasculares, acidentes etc. – com um aumento do suicídio em 15% nesses países, tornando-se a segunda causa de morte entre os indivíduos com menos de 35 anos de idade (JIMÉNEZ et al.; 1998).

Em pesquisa realizada pelo mesmo autor na década de 90, durante o triênio analisado – Bayamo Oeste, município Bayamo⁶ –, foi constatado aumento desse comportamento entre os jovens e adolescentes sem chegar ao suicídio consumado, com predominância feminina e o uso de psicofármacos como o método mais usado. Entre os fatores de risco encontrados prevalecem conflitos sociais, como: más condições e abuso socioeconômico, abuso físico e humilhações (JIMÉNEZ et al. 1998). Por outro lado, o último boletim epidemiológico sobre suicídio, divulgado pelo Ministério da Saúde, entre 2011 e 2016, demonstra que das 62.804 pessoas que

⁴ Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/suicidio/>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

⁵ Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/suicidio/>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

⁶ Bayamo é um município e cidade de Cuba, capital da província de Granma. É uma das maiores cidades da região de Oriente. A comunidade de Bayamo foi fundada em 5 de novembro de 1513 nas margens do rio Bayamo. Em 1827, Bayamo adquiriu o status de cidade. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bayamo>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

tiraram suas próprias vidas no país – Brasil –, 79% delas são homens e apenas 21% são mulheres.

No âmbito do aumento das mortes, temos acompanhado um fenômeno particularmente preocupante: as altas taxas de mortes autoprovocadas, automutilação e depressão de adolescentes e jovens. No Brasil, comparando o ano de 2000 ao de 2016, outra pesquisa constatou um aumento de 30% nas taxas de suicídios protagonizados por jovens e adolescentes – em 2000, tivemos 2142 jovens tirando a própria vida, já em 2016 esse número subiu para 3097 (MANIR, 2019). Estudos realizados pela Universidade Federal de São Paulo revelaram que, entre os anos de 2006 e 2015, as taxas de suicídio de adolescentes no Brasil aumentaram em 24%. Os pesquisadores recolheram dados de mortalidade autoprovocados por jovens entre 10 a 19 anos, moradores de seis grandes cidades brasileiras – Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Após análises, os pesquisadores concluíram que indicadores socioeconômicos, em especial a desigualdade social e o desemprego, apresentam forte correlação com maiores taxas de suicídio (JAEN-VARAS et al; 2019).

A temática do suicídio juvenil desperta grande interesse nos profissionais da saúde, dos professores, de pais e outros grupos sociais (JIMÉNEZ, et al. 1998), apesar de não ser explorado com frequência, encontramos na literatura a ousada asserção que o define como sendo única questão que verdadeiramente importa: — “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2010, p.17). Compreende-se o suicídio como um fenômeno psicossocial multifacetado e multicausal que se encontra globalmente difundido no cotidiano pós-moderno configurando-se como problema de saúde pública (BOTTI, 2019).

Entretanto, nem sempre se atribuiu este significado ao ato de suicidar-se e, por isso, cabe ressaltar as várias definições que foram dadas ao longo do tempo. Em Sêneca vemos sua definição como sendo “um ato de heroísmo”, já Goethe o percebe como “um ato próprio da natureza humana e, [que] em cada época, precisa ser repensado”. De acordo com Kant o suicídio caracteriza-se como “a destruição arbitrária e premeditada que o homem faz da sua natureza animal”, por outro lado Rousseau o percebe como “uma violação ao dever de ser útil ao próprio homem e aos outros”. Para Nietzsche o suicídio é como “admitir a morte no tempo certo e com liberdade”, já em Sartre o ato de suicidar-se é visto como “uma fuga ou um fracasso”, Schopenhauer como “positivação máxima da vontade humana”, e por fim em Émile Durkheim o suicídio é como “todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir este resultado” (SILVA, 1984).

Além das várias contribuições que caracterizam o ato de acabar com a própria vida – segundo os autores citados –, o comportamento suicida abrange várias faces, como por exemplo: o suicídio consumado, a tentativa de suicídio, as ameaças suicidas e a ideação suicida – ideias e pensamentos específicos –, que é geralmente chamado por alguns autores como síndrome presuicida. Qualquer comportamento deve ser considerado como alto risco futuro (JIMÉNEZ et al. 1998). Neste trabalho, trataremos mais especificamente dos reflexos sociais na vida do indivíduo e como estes podem ser fomentadores do ato de suicidar-se.

Desde meados do século XVIII o suicídio tem sido tratado como fenômeno social e objeto de estudo de diversas áreas das ciências, como exemplo: sociologia, história, economia e a filosofia (RIBEIRO, et. al. MOREIRA). Para o sociólogo francês Émile Durkheim, que publicou, em 1897, a obra *Le suicide*, o suicídio está relacionado a causas sociais, ou seja, para o autor o ato de suicidar-se possui seu princípio na sociedade. O autor explica que cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado para mortes voluntárias, interessando para a sociologia a análise do processo social do suicídio, pois cada sociedade, em cada momento da história, oferece uma atitude social em relação ao autoextermínio (PENSO, 2020).

Conforme Durkheim, existem três tipos de suicídio, a saber: anômico, egoísta e altruísta. De acordo com a teoria do autor o suicídio egoísta resulta de uma integração social frágil, em que o indivíduo tira a própria vida por não se reconhecer como indivíduo vinculado a nenhuma instituição ou grupo social. O suicídio altruísta decorre de uma sólida integração social, isto é, de uma identificação extrema por parte do indivíduo com a coletividade e por este motivo nega totalmente a sua individualidade e, conseqüentemente, pode aumentar o risco de suicídio. Por fim, o suicídio anômico, possui suas características muito presentes na sociedade contemporânea; este é um tipo de suicídio que resulta do enfraquecimento dos mecanismos reguladores da sociedade, como educação, religião, família, entre outros, e, geralmente se dá através de momentos de crises nas estruturas sociais e econômicas (LUEDKE et al, 2019).

Para Durkheim (2011), as influências exteriores que provêm de associações e/ou de acontecimentos passageiros, afetam a qualidade da vida coletiva, configurando uma situação anômica. Ele afirma que o indivíduo possui necessidades morais e que a sociedade preenche e delimita estes níveis necessários, uma vez que ela é a única autoridade moral e superior ao indivíduo. Para o autor as “correntes suicidógenas” têm origem na coletividade, e não no indivíduo. Embora admitam-se que alguns dos suicidas possuem predisposições psicológicas para tal ato, compreende que essas predisposições são justamente causadas pela própria sociedade e suas circunstâncias são sempre sociais (ZANCO, 2019).

Em conjunto dos suicídios cometidos numa dada sociedade durante em uma unidade de tempo, constatamos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, um todo de coleção, mas que constitui em si um fato novo e sui generis, que possui a sua unidade e a sua individualidade, a sua natureza própria, por conseguinte, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social (RODRIGUES, 2019. p. 14).

Além de sua natureza eminentemente social, o suicídio é um fenômeno que pode ser analisado tendo em vista uma série de fatores, como por exemplo: psicológicos, biológicos, culturais etc. Desde o final do século XIX, Durkheim já apontava para a possibilidade de compreender o fenômeno de acordo com as taxas e variáveis demográficas, como sendo: o sexo, a faixa etária, o estado civil e a religião. Os estudos buscavam relacionar as variáveis com o grau de integração social do indivíduo junto à sociedade trazendo esta avaliação como sendo o ponto mais alto para uma explicação sociológica do fenômeno (ZANCO, 2019).

Outra relação que canaliza o suicídio com sendo reflexo da socialização do sujeito é o entendimento de que o ato pode ser considerado um fato social, pois este possui uma causa social. O fato social em Durkheim possui exterioridade, coerção, generalidade, e pode ser compreendido como “toda maneira de agir; pensar e sentir, fixada ou não suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade, tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independentemente de suas manifestações individuais” (DURKHEIM, 1984: 39).

Em outras palavras, os fatos sociais podem ser considerados eventos exteriores aos indivíduos. Os mesmos podem existir para atuarem sobre os sujeitos, independentemente de suas vontades ou adesões conscientes (COSTA, 1991). Dessa forma, invariavelmente determinados fatos exercem uma coerção sobre os homens levando-os a se conformar com regras já existentes e que podem ser vistas como heranças das gerações anteriores. Dito isto, subentende-se que os fatos sociais são gerais e esta é a característica que os definem verdadeiramente e que demonstram sua repetição no comportamento da maioria das pessoas (PLUMER, S/D).

A hipótese Durkeimiana é que, se olharmos para o suicídio não como algo isolado, mas como um fato social, nele encontraremos várias informações sociais e culturais, ou seja, deve ser tratado de forma coletiva, indo do todo às partes. O argumento é de que a integração social e o suicídio estão imbricados, por isso o suicídio varia inversamente com o grau de integração dos grupos sociais.

Contudo, a partir das ideias do autor poderíamos compreender o suicídio como sendo uma ação tanto individual como também um evento influenciado – implicitamente ou explicitamente – pelos demais indivíduos, bem como pelos fatos sociais e/ou por instituições sociais (RIBEIRO et al; MOREIRA, S/D). Neste viés analítico, Durkheim buscou explicar como um ato individual do ser humano pode ser considerado um fato social e de que suas causas derivam das intervenções sociais na vida do indivíduo (RIBEIRO et al; MOREIRA, S/D). Em seu trabalho *O Suicídio* (1987) que o desejar faz parte da natureza humana e por existir as aspirações e a insaciedade os indivíduos tornam-se insatisfeitos, o que remete o suicídio uma porta de saída para resolver sua situação vivida (TOMAZI, 2021).

Considerando a tese de Durkheim, podemos apontar que ainda hoje o suicídio pode ser entendido como fenômeno social, uma vez que obedece a padrões ou regularidades, o que nos permite estabelecer os fatores que lhe são determinantes. Ou seja, não cabe falar em problemas de saúde individuais, mas em problemas sociais e econômicos. O autor esclarece sua posição: se “cada suicídio constitui um acontecimento particular e insubstituível; a comparação feita pelo cientista não destrói sua singularidade, apenas o integra numa classe de semelhança, na medida em que vê em todas essas mortes traços comum” (GIANNOTTI, 1971, p. 52). Durkheim considera o suicídio como uma doença de época, tendo a *anomia* como sua causa principal. A anomia como ausência de regras, termo adotado por Durkheim (2011), indica a perda de referências normativas que permitam a integração social dos indivíduos, desponta como fator determinante à prática do suicídio. A anomia levaria o indivíduo a um cenário sem restrições tanto na vida pessoal, como na vida social. Também aponta as crises econômicas como potencializadoras das práticas de suicídio, pois elas influenciariam o indivíduo a sentir-se incapaz de superar as crises econômicas de sua época, tornando-o mais agressivo com sua vida (ZANCO, 2019).

Ademais, estas restrições trazidas pelo sociólogo podem ser caracterizadas por questões básicas de direitos do indivíduo que vão além da saúde, considerando elementos como: habitação, educação, transporte, assistência social, entre outros. O que nos possibilita afirmar que a garantia desse conjunto de direitos pode ser considerada uma condição necessária para efetivar a proteção integral. E por isso, a temática do suicídio está ligada não só com a ausência de saúde mental, mas também com a ineficiência de um conjunto de políticas que deveriam concretizar os direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente⁷ (ZANCO, 2019).

⁷ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Federal 8.069, de 1990) representou um marco na defesa e garantia de direitos de uma parcela considerável da população – crianças e adolescentes – que, até então, no enquadramento jurídico do

O conceito ampliado de saúde expresso na Conferência de Alma-Ata⁸ (1978) e a incorporação dos determinantes sociais colaboram na compreensão da problemática do suicídio no campo da saúde pública. Com pilares de origem na medicina, nas ciências sociais e na epidemiologia, os trabalhos oriundos desses campos demonstram certo consenso genérico em compreender o suicídio como uma questão individual com causas sociais (ZANCO, 2019).

Assim sendo, é importante ressaltar que há um encontro frequente entre o tema da adolescência e do laço social e, para a Psicanálise, é revelador da irreversibilidade do enlace entre o sujeito e o campo do Outro (Freud, 2010 [1921]). Ou seja, estes dois contextos, adolescência e sociedade são indissociáveis. Dessa premissa deriva a noção de que os comportamentos e manifestações sintomáticas dos adolescentes podem ser tomados como paradigmáticos daquilo que se problematiza em cada tempo social, apresentando, portanto, ressonâncias ético-políticas que envolvem diferentes esferas da vida social tais como a escola, a família e o Estado (GURSKI, et al. 2020).

A essa ordem de fenômenos soma-se, o aumento do índice estatístico de quadros de depressão e suicídio entre jovens brasileiros. Neste processo, não se pode esquecer que, se a grande questão de todo sujeito humano é encontrar modos de se fazer representar no discurso social, com os adolescentes isso passa a se apresentar de um modo ainda mais intenso, fato que traz consequências importantes do ponto de vista psíquico e social (GURSKI, 2012; GURSKI & PEREIRA, 2016). Lacan (1999 [1957-58]) toma a puberdade como o momento em que o sujeito finalmente poderá fazer uso dos títulos recebidos na infância para, enfim, afirmar-se legitimamente enquanto um ser sexuado, seja do lado homem, seja do lado mulher ou outro. Ou seja, a puberdade seria o tempo em que o sujeito deverá ser capaz de formular uma resposta em nome próprio a algumas questões primordiais: *Afinal, quem sou eu? Que lugar vou ocupar no laço social?*

No contexto pós-moderno da Era Digital, as redes sociais virtuais operam como telas de espetacularização. Impera-se o desejo de conhecer a privacidade e a intimidade da vida de

Código do Menor (1927-1990), eram vistos como um problema social, ou como infratores, ou como tutelados, apenas. A partir do ECA, apesar da figura jurídica da tutela permanecer, Crianças e Adolescentes passam a ter definidos direitos e garantias que lhe são próprios, como educação, segurança e vínculo familiar, instituições que prezem pela defesa de seus direitos e garantias – os Conselhos Tutelares –, uma vara jurídica especializada nesses mesmos direitos e garantias – a vara da infância e adolescência –, o direito à diversão, à infância, a proteção contra o trabalho infantil dentre outras coisas. Por isso que, atualmente, o termo “menor” é totalmente inapropriado para tratar dessa parcela da população, sendo adequado o termo “crianças e adolescentes”.

⁸ A Declaração de Alma-Ata foi adotada em setembro de 1978, na Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em Alma-Ata (atual Almati), na República Socialista Soviética do Cazaquistão. Realizada para expressar a grande “necessidade de ação de todos os governos, de todos os que trabalham nos campos da saúde e do desenvolvimento e da comunidade mundial na promoção da saúde de todos os povos do mundo”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_de_Alma-Ata>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

todos, entretanto, não se viralizam os desejos de compreensão, de respeito e de empatia, o que se vê é margem para a intolerância à diferença do outro (BOTTI, 2019). Com isso, inúmeras manifestações de ódio e preconceitos podem ser percebidas em redes sociais e que ao chegarem aos seus destinatários causam o aumento de seus conflitos existenciais, os levando ao suicídio. Um exemplo é a história do jovem Lucas Santos de 16 anos que sofria ataques de preconceito pelo TikTok e acabou suicidando-se, segundo matéria de Carta Capital em 2021⁹.

Apesar do social permear sobre uma dualidade, ou seja, podendo este contexto influenciar ao ato de suicidar-se como também promulgar formas de prevenção ao suicídio, deve-se considerar que o suicídio é um processo que não termina com a morte. Isto porque, ele caracteriza-se como sendo um gesto de comunicação que visa a ampliação da compreensão de relacionamento entre aquele que se mata e a sociedade tida como palco do seu ato (BERZINS; WADAWATANABE, 2012, p.1960).

Infelizmente estas vozes, na maioria das vezes, não se calam somente pelo ato. Mas também e principalmente por comportamentos reducionistas do fenômeno do suicídio, como por exemplo: desconsideração do sofrimento, produção do estereótipo de personalidade suicida, construção de estigmas sociais do suicídio como pecado, crime ou doença, desconsideração do luto dos sobreviventes e culpabilização (BOTTI, 2019). Entre as orientações, encontram-se: evitar glorificar o ato, romantizá-lo e/ou descrever como inexplicável; evitar retratar o suicídio como uma resposta esperada – como sendo algo natural – às adversidades da vida; evitar títulos sensacionalistas, imagens do indivíduo e linguagem estigmatizante; evitar mencionar o método utilizado, local ou detalhes da ação; não compartilhar o conteúdo de cartas suicidas; evitar citar a polícia ou as primeiras pessoas que presenciaram o ato; e apresentar recursos sempre que possível como o telefone de linhas de ajuda e endereço de serviços de saúde mental, como por exemplo, o CVV¹⁰ e outros (BOTTI, 2019).

Além de ser um tabu, proibido em determinadas circunstâncias, os indivíduos na maioria das vezes ignoram que o mesmo exista. Com isso, subtende-se que aparentemente as pessoas não pensam e não tentam se matar, e por isso estereótipos de suicídios sempre existiram e ainda se observam na atualidade estes discursos onde são criados rótulos de heróis ou coitados, enfermos ou viciados, porém o fato é que pouco se sabe sobre a ação de dar fim a própria vida (ZANCO, 2019). Se, por um lado, estas informações nos fazem pensar sobre uma sociedade

⁹ Carta Capital. Os alertas deixados pelo suicídio de Lucas, um adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no TikTok. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/os-alertas-deixados-pelo-suicidio-de-lucas-um-adolescente-vitima-do-odio-e-da-lgbtfobia-no-tiktok/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

¹⁰ Centro de Valorização da Vida. O CVV – Centro de Valorização da Vida realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, e-mail e chat 24 horas todos os dias. Disponível em: <<https://www.cvv.org.br/>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

que, como diria Marx, *clama por transformações radicais*, por outro não podemos desconsiderar a *ideia*, de Freud, *de que a morte nos chega por vontade própria*. Nesse embate, resta-nos apenas, e a partir do aprendizado que adquirimos com nossos autores, formular políticas que, levando em consideração *quem somos*, ajudem-nos a não desperdiçar mais vidas (RODRIGUES, 2009).

Karl Marx em sua obra *Sobre o suicídio* faz uma sutil ligação do ato de suicidar-se com os contextos da economia e da política na medida em que eles enfatizam males de toda ordem como causa de suicídios: a miséria, o desemprego, os salários aviltantes, a prostituição, a injustiça social (RODRIGUES, 2009). Dito isto, podemos pensar que a crítica social que esta obra nos oferece não se limita apenas à exploração econômica. Ela se refere, fundamentalmente, ao caráter – ou à falta do mesmo – ético e social da sociedade moderna. Os casos de que este ensaio se ocupou desvelam os dramas do cotidiano da vida dos indivíduos, independentemente da classe social a que pertencem. Afinal, como Durkheim, Marx também acreditava que os valores sociais são determinados pela natureza particular das sociedades e, como ele mesmo afirma no texto, uma sociedade de natureza desumana fere a *todos*, das mais diversas origens sociais (RODRIGUES, 2009).

Alguns autores apontam que o Brasil iniciou seus primeiros passos na direção de um plano nacional de prevenção do suicídio em 2005, antecedente imediato das Diretrizes Brasileiras para um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio¹¹, lançadas em agosto de 2006 (ZANCO, 2019). As diretrizes apontadas neste plano podem colaborar para identificar os fatores de risco individuais e ambientais (BRASIL, 2006).

Considerando os altos índices de suicídio entre jovens e todas as contribuições de autores, “não é fácil entendermos os múltiplos fatores – internos e externos – e os vários contextos – familiares, culturais, psicossociais – que podem conduzir um(a) jovem ao suicídio. Poderíamos nos questionar: quão confuso e desesperado se sentirá um(a) jovem para, num

¹¹ Nesse documento pode-se encontrar objetivos que foram lançados, como por exemplo: o desenvolvimento de estratégias para promover a qualidade de vida, educação proteção e recuperação da saúde, bem como a prevenção de danos; o desenvolvimento de estratégias de informação, comunicação e de sensibilização da sociedade para a ideia de que o suicídio é um problema de saúde pública e que precisa ser prevenida; a organização de cuidados integrais como promoção, prevenção, tratamento, recuperação em todos os níveis e dando acesso a todos as diferentes modalidades terapêuticas; a identificação e a prevalência dos determinantes do ato do suicídio e das tentativas, assim como os fatores que são protetores e o desenvolvimento de ações intersetoriais de responsabilidade pública, dando também atenção a responsabilidade de toda a sociedade; o fomento e a execução de projetos estratégicos em estudos de custo-afetividade, eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e de intervenções nos casos de tentativas de suicídio; a contribuição para o desenvolvimento dos métodos de coleta e análise de dados, permitindo que haja qualificação da gestão, e a disseminação das informações e dos conhecimentos; a promoção e o intercâmbio entre o Sistema de Informações do SUS e outros sistemas de informações afins, para implementar e aperfeiçoar a produção de dados garantindo a democratização das informações; promoção da educação contínua dos profissionais de saúde das unidades de atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, de serviços de saúde mental, de unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios de integralidade e de humanização. (BOTEGA; WERLANG; CAIS, 2006, p. 218).

derradeiro ato, tentar a sua morte? Se um(a) jovem se suicida é porque não conseguiu encontrar uma razão e um estímulo para viver, ou então não suportou as suas preocupações, e por isso não foi capaz de perceber a vida ou não encontrou quem o auxiliasse a equilibrar-se. E então, um pedaço de nós morre com ele” (Núcleo de Estudos do Suicídio, 2002).

Ao observar os hábitos e as atitudes da juventude nascida na sociedade chamada “tecnológica” e “globalizada” do século XXI, podemos perceber que estes sujeitos correspondem aos moldes construídos pelo modelo sócio-político-econômico neoliberal. É neste sentido, que podemos salientar a ideia de Stuart Hall (2005, p.13), onde ele diz que a “[...] identidade do sujeito é definida historicamente, e não biologicamente.” É bem provável, que seja nesse processo de modelização das subjetividades juvenis que as utopias transformadoras são suprimidas e, por consequência, se desenvolve uma mentalidade caracterizada como suicida e que é fruto da distopia ou desesperança social (FILHO, et al; 2019). Refere-se a falta de esperança na dimensão política, portanto, coletiva e mobilizadora da construção de uma nova sociedade. Pois, “não somos esperançosos por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2004, p. 10) e tal esperança tem caráter potencializador marcado pelo desejo de construir coletivamente a sociedade que opta pela defesa dos direitos humanos, do diálogo, da solidariedade, do encontro e compromisso com o Outro (BOTTI, 2019).

3. O TEMA DO SUICÍDIO NA ESCOLA

Ao se pensar sobre o fenômeno do suicídio em um contexto educacional podemos mensurar que seriam muitos os diálogos que poderiam ser propostos por cientistas, educadores, sociólogos, filósofos, psicólogos, etc. No entanto, poderíamos nos questionar sobre quais vieses sobrepujam-se estas interlocuções, sobretudo qual seria a melhor forma de tratar sobre o assunto dentro das escolas, que sem dúvidas são palcos fundamentais para se promover o adolescer (GURSKI, et al.; 2020). Considerando que estamos falando sobre um fenômeno social diretamente ligado aos jovens, escolheu-se a instituição escolar como principal contexto de investigação. Desta forma nesta seção serão apresentados os resultados do trabalho de campo realizado, conforme descrito na introdução.

Inicialmente vale lembrar que a escola pode ser admitida como uma instituição social que tem por objetivo explícito o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos educandos, por meio dos métodos de ensino e aprendizagem de conteúdo – objetos do conhecimento, habilidades, estratégias, ações e valores – que, aliás, deve acontecer de uma forma contextualizada e que busque garantir o desenvolvendo nos discentes favorecendo suas capacidades enquanto cidadãos participativos na sociedade (TEIXEIRA, S/D).

Dessa forma, para entender como ocorrem as interlocuções e os diálogos sobre o fenômeno do suicídio dentro da escola, bem como dentro da sala de aula, buscou-se ouvir ao diretor, orientador, supervisor e professores de sociologia no nível médio¹². Nosso campo de atuação foi fundado em 12 de abril de 1953, situada no centro da cidade de Sobradinho no Rio Grande do Sul. Atualmente, possui em torno de 700 alunos e seu funcionamento acontece nos três turnos, com oito matrizes curriculares, oferecendo Ensino Fundamental, Ensino Médio, Novo Ensino Médio, Ensino Médio - Curso Normal, Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Ensino Médio e Aproveitamento de Estudos do Curso Normal.

Os entrevistados responderam abertamente aos questionários¹³ Propostos pela pesquisa e as técnicas de registros dos dados variaram entre gravações de áudio e anotações no caderno de campo, respeitando a preferência dos interrogados. Inicialmente, buscou-se conhecer a realidade da escola de uma forma ampla, ou seja, iniciamos nossas buscas por informações

¹² No que corresponde ao processo de formalização e consentimento para a realização das entrevistas por parte dos entrevistados, o mesmo foi realizado de forma oral. Assim sendo, não há documentação que registre a aceitação da realização da entrevista por parte dos correspondentes.

¹³ Disponíveis em: Apêndices pp 44-45.

abordando a equipe gestora da escola. Em um primeiro momento, foi o diretor – transcrição (R 1) – que se disponibilizou a falar sobre esse tema complexo, mas relevante.

De idade não informada, R1 é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria e pós-graduado em Metodologia de Treinamento Científico e Desportivo. No magistério há 27 anos, atualmente exerce a função de diretor da escola em questão e está em seu segundo mandato. No que se refere ao problema social estudado, R1 comenta nunca haver vivenciado a situação de suicídio de jovens em nenhuma das escolas em que atuou. Entretanto, recorda que existem casos entre ex-alunos da instituição e que em dois episódios houve o ato do suicídio consumado.

No tocante ao trabalho da instituição escolar, R1 assegura que existem políticas de planejamento que abordam o tema do suicídio dentro das salas de aula, principalmente junto aos jovens do ensino médio. Porém, salienta que esta temática é abordada através de temas como depressão e ansiedade, ou seja, não se fala abertamente sobre o assunto. Segundo R1 para se falar sobre o tema do suicídio em específico sempre priorizam que a atividade seja realizada por profissionais da saúde. Pois, evitam dar aos professores esta incumbência, bem como são prudentes para prevenir a realização de uma abordagem inadequada sobre o tema.

Quando interrogado sobre a influência dos problemas sociais no comportamento suicida de jovens, R1 validou determinados eventos, como por exemplo: a depressão, a ansiedade, relações familiares, carreira profissional, dificuldades para abordar e enfrentar situações difíceis, relacionamentos amorosos, relacionamento difícil com colegas, necessidade de ser aceito nas redes sociais e questões relacionadas à política. Segundo o entrevistado a forma de a escola trabalhar para auxiliar os alunos a não buscarem a fuga do suicídio para seus problemas é o diálogo com alunos e familiares para organizar ações conjuntas de auxílio ao jovem, porém nem sempre a escola tem abertura para isso.

Além desta comunicação, a escola busca fazer atividades diversificadas nos recreios utilizando propostas dirigidas para poder manter os alunos ocupados, bem como para que se sintam bem na escola. Salienta em sua fala a importância do diálogo com os alunos principalmente, quando demonstram sintomas de tristeza, exclusão, emotividade e mudança repentina de comportamento. Durante estas conversas, R1 assegura que muitos lhe relatam questões que os incomodam e que na maioria das vezes as queixas são relacionadas a família e/ou vida profissional.

Como principal atividade da escola tem-se o projeto "Cure o Mundo" onde são convidados profissionais de diversas áreas para conversarem com os alunos sobre questões

sociais, mas principalmente problemas de saúde mental. R1 acredita que, desta forma, a escola estará auxiliando os alunos a não consumarem o ato de suicidar-se.

Ao perguntar sobre os planos da escola para o futuro, a postura da escola frente aos casos de automutilação dos jovens, os discursos dos alunos frente aos problemas e como se dá a relação da escola e família, R1 diz que sempre apoiam atividades que motivam o protagonismo juvenil, como por exemplo o Grêmio Estudantil que faz atividades juntamente com a direção para beneficiar a todos e também busca incentivar o projeto "Copetti Vídeos"¹⁴ onde os alunos gravam vídeos que contam histórias e que abordam problemas sociais (este ano foram sobre saúde, bebida, drogas, etc). Este projeto é realizado com o intuito de os alunos refletirem sobre problemas sociais, bem como fazerem com que os demais que acompanham o trabalho também possam pensar sobre estas questões.

Além disso, no que corresponde a casos de automutilação, R1 reconhece o papel da escola em proporcionar um clima favorável para convivência entre os jovens. Quando se observam comportamentos irregulares buscam dialogar com os familiares e logo após contata-se o posto de saúde do município e os profissionais capacitados para auxiliar os alunos no que for necessário. Diante dos relatos trazidos pelos jovens, o entrevistado salienta que é perceptível que os alunos são extremamente frágeis diante de questões sociais e familiares.

Outro fator importante e que influencia no trabalho da escola é que a família é muito distante, entretanto os pais não deixam de cobrar da escola. Quando os alunos contam em casa de atividades mais livres que tiveram na escola os pais reclamam porque acham que na escola tem que ir pra estudar - "conteúdo em cima de conteúdo" -, porém o entrevistado afirma que a instituição salienta a importância de o aluno se sentir bem na escola e de que a instituição também é um local os alunos socializarem. Diante destes relatos, confirma-se que muitos são os desafios que se apresentam à instituição escolar, e que a cada dia dificultam-se os trabalhos da escola impedindo-a que de fato cumpra sua função social.

A segunda pessoa entrevistada, representada neste documento pela transcrição R2 ocupa o cargo de orientadora escolar – há 2 anos – na Escola de Educação Básica Padre Benjamim Copetti. Tem 43 anos e é graduada em Ciências Biológicas, em Pedagogia e em Tecnologias da Informação. Além disso, é pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar e pós-graduada em Educação Especial Inclusiva. Atualmente, é acadêmica de Matemática.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@copettivideos9871>>. Acesso em: 28 de novembro de 2022.

Ao ser questionada se já havia vivenciado situações de suicídio entre jovens a orientadora relatou que em Santa Cruz do Sul – RS¹⁵ onde trabalhava na coordenadoria estadual houve um caso de um aluno do Ensino Médio que se enforcou dentro do banheiro da escola, utilizando um cadarço. Após o ocorrido as aulas foram canceladas e foram feitas menções sobre o ocorrido nas redes sociais que eram os principais canais de comunicação da escola com a comunidade. R2 relata que o aluno estava depressivo e tinha acompanhamento da família junto à orientação da escola e também atendimento psicológico. Nas últimas semanas o aluno mentia que tomava os medicamentos, mas a família acabou descobrindo depois do ato que ocorreu em 2019.

Na atual escola em que trabalha R2 afirma que se trabalha a temática do suicídio de várias formas, como por exemplo: palestras, conversas com profissionais da escola, atividades em sala de aula. Na instituição, já houveram episódios em que alunos foram surpreendidos se cortando ou então tomando remédios e de acordo com a convivência diária com professores e alunos a orientadora acredita que de acordo com relatos as motivações para tais atos derivam da depressão, da síndrome do pânico e da ansiedade.

Segundo as contribuições de R2 as principais causas para os problemas psicológicos e sociais dos jovens, provêm do seu próprio comportamento, ou seja, da sua individualidade e cultura. Os mesmos não sabem comunicar, possuem extrema dificuldade em cumprir prazos e regras e devido a isso, tornam-se agressivos. Outros fatores envolvidos, são: a falta de limites, a facilidade com as coisas – imediatismo –, ou então os mesmos sabem lidar com momentos de frustração, são dramáticos em excesso e as ocupações profissionais lhes pesam demasiadamente sobre os ombros, o que lhes dificulta a produtividade nos estudos.

R2 destaca que é importante uma ocupação profissional, o comprometimento e disciplina frente aos contextos da vida adulta. Entretanto, isto se perde quando não há controle e a carreira profissional passa a ser mais importante que a formação do próprio indivíduo. Esse processo muitas vezes acelera o amadurecimento de habilidades técnicas, entretanto o que ocorre é que os mesmos não são psicologicamente preparados, outro fator que é deixado de lado neste evento é a regularidade de vida de qualidade. De acordo com a conduta escolar, R2 salienta que a escola se preocupa em ajudar, mas na maioria das vezes se vê de mãos amarradas. Considerando as experiências enquanto orientadora, R2 destaca que os alunos não dão boa abertura – apesar de pedirem auxílio a supervisão e a orientação de forma direta – quando há

¹⁵ Em relação ao fenômeno do suicídio, o município possui o maior número absoluto de óbitos e uma das maiores taxas — 20,6 suicídios a cada 100 mil habitantes, em 2020 (SIM, 2021). Disponível em: <<https://cdn.congresso.me/4hox1gjmw10p7vrvqbkwnji9jsn>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

alguma atividade na escola relacionada a este tipo de assunto e também não se desprendem do telefone.

Ao falar de planos futuros idealizados pela instituição, R2 assegura que a escola tem planos de trazer profissionais capacitados que possam conversar com os alunos e auxiliar no que for preciso. Além disso, possuem o ideal de sempre manter o contato com a família, com o conselho tutelar e com profissionais da saúde. Outro movimento que já está sendo implantado e que pretendem prosseguir realizando são os recreios diferenciados que oportunizam momentos de canto, dança e atividades que possam elevar a autoestima dos jovens.

O acontecimento mais recente R2 trouxe o relato de que ano passado uma jovem automutilou-se e a escola teve conhecimento do ocorrido. A jovem veio cortada de casa e quando os profissionais perceberam o que havia acontecido tomaram as providências chamando a agente de saúde, e um médico que atendeu a jovem dentro da instituição escolar. O motivo, segundo diagnóstico, era depressão. Depois do ocorrido, passamos a buscar cada vez mais dialogar com os alunos e então encaminhá-los para profissionais competentes.

A orientação diz apelar para as famílias. Frequentemente chamam as mães e salientam que a obrigatoriedade atual é estudar e que deve se repensar o início de uma vida profissional neste momento. Pois, alunos adolescentes estão tendo 80% de suas rotinas absorvidas pelo trabalho – fábrica de calçados, mercado, bares – e chegam exaustos na escola. Complementamos as narrativas da entrevistada quando apreendemos informações de origem científica que salientam que as transformações sociais estão exigindo uma maior interação entre a família e a escola, ou seja, ambas devem assumir seus papéis enquanto instituições, considerando a sociedade atual e suas peculiaridades e não apenas buscando o modelo ideal de socialização que está cada dia mais extinto (TEIXEIRA, S/D). Diante disso, a família tem, portanto, grande responsabilidade no processo de socialização do aluno. Ambas, escola e família são extremamente importantes na formação do indivíduo, pois é participando do grupo que ele aprende a fazer parte da sociedade, que se constitui sua identidade (TEIXEIRA, S/D).

A terceira profissional entrevistada, estará representada neste documento pela transcrição R3. Supervisora, tem 43 anos e está há 4 anos no cargo. Graduada em Letras Espanhol e Pós Graduada em Supervisão Escolar. Ao ser questionada a respeito de sua vivência profissional, R3 salientou que em todas as instituições que trabalhou não houve casos de suicídios entre jovens. Segundo a mesma, a atual escola em que trabalha procura constantemente abordar a temática de várias formas: palestras, conversas com profissionais e com a realização de atividades em sala de aula.

Recentemente, houve um episódio de aluna que veio solicitar sua ajuda, pois estava com pensamentos e comportamentos suicidas. A jovem foi encaminhada ao psiquiatra e ao psicólogo e está em tratamento há cerca de um mês. Assim como a orientadora escolar, a supervisora compreende que o desfecho para a desordem mental e comportamental dos alunos advém de suas individualidades e das suas ideias de cultura que os mesmos carregam como identidade. A mesma salienta que os alunos não sabem vivenciar as situações do dia-a-dia de uma maneira calma e tranquila. Por exemplo, problemas com professores, com amigos e nota baixa são motivos de desespero.

Devido a este comportamento por parte dos jovens R3 garante que está observando através e supervisionando os acontecimentos e os rumores dentro da escola. Além do monitoramento, relatou estar sempre colocando-se disponível para o diálogo com os alunos e busca de forma conjunta à orientação escolar instruir os alunos a um caminho saudável. Outro evento recente, que demonstra o trabalho dos profissionais da escola frente a temática do suicídio foi um trabalho realizado pela professora de língua portuguesa junto aos alunos do oitavo ano sobre a problemática. R3 destacou que foi utilizado uma cartilha criada por adolescentes, secretaria da saúde do município, e profissionais da educação e da área da saúde. A escola sempre visa trazer profissionais para abordagem de temas relacionados à saúde mental e para isso temos investido em atividades diversificadas que proporcionam socialização dos educandos durante os recreios. Entretanto, existe por parte da família uma pressão para que o aluno do noturno trabalhe durante o dia e isto muitas vezes os deixam acelerados e impacientes, o que também colabora para ansiedade e depressão. A escola sempre tenta alertar aos pais sobre a importância desse estudar, mas é visível que a maioria dos alunos vai à escola apenas por obrigação e isto ocorre principalmente com os alunos do noturno.

Contudo, R3 salienta que a família é pouco presente no ambiente escolar e tem-se muita dificuldade no trato com estas pessoas, pois os mesmos não entendem as motivações do trabalho dos profissionais da educação e que estamos tentando fazer a parte que nos cabe em auxiliar seus filhos no encaminhamento que for necessário. Além das entrevistas realizadas com direção, orientação e supervisão escolar houveram oportunidades de conhecer as experiências de professores de Sociologia da escola. Em um primeiro momento conversamos com o professor que leciona a disciplina no turno diurno e neste documento o mesmo será representado pela transcrição R4. Graduado em Filosofia pela Palotina Fapas de Santa Maria – RS, o entrevistado tem 24 anos e atua como professor desde o ano passado. Atualmente trabalha na Escola Estadual de Educação Básica Padre Benjamim Copetti e na Escola Sagrado Coração de Jesus em Arroio do Tigre – RS.

Ao ser questionado a respeito das suas experiências em sala de aula trabalhando a temática do suicídio, R4 diz que utiliza principalmente a teoria de Durkheim para falar sobre comportamento suicida na sociedade. Por já ter sido seminarista¹⁶ também aborda estratégias de animações vocacionais resgatando a força das ciências humanas e sociais – filosofia e sociologia – para auxiliar o jovem a não buscar o suicídio como uma rota de fuga aos problemas sociais. O professor diz não ter nenhuma experiência concreta ligada ao problema do suicídio com os jovens nas instituições onde leciona. Segundo ele os jovens apenas comentam – quando se estuda sobre o assunto – que conhecem pessoas que cometeram suicídio, amigos, etc. Além disso, alguns chegaram a informar que dentro da família há casos de automutilação.

O entrevistado lembrou que neste ano de 2022 houve um suposto anúncio de massacre na escola. Por murmúrio da grande maioria dos alunos, e de acordo com os comentários, diagnosticaram quais seriam os possíveis alunos que estariam planejando o feito. Um deles, acusado pelo grande grupo, saiu da escola e teve que fazer aulas remotas em casa. Foi claramente uma questão de rejeição. Este mesmo aluno, entrou em contato com uma professora que disse que estava com pensamentos suicidas devido ao ocorrido, porque até então jamais havia passado pela sua cabeça o ato de realizar um massacre na escola. Segundo ele, foi um mal-entendido.

R4 destacou que os problemas sociais que mais desestabilizam os alunos, são: questões familiares e identidade de gênero. Recentemente, os alunos fizeram uma pesquisa para saber se os pais sabiam a orientação sexual dos filhos e obtiveram os dados de que 83% dos pais sabiam a orientação sexual dos filhos e 17% não sabiam. Logo após, foi feita outra pesquisa com alunos e percebeu-se que para 85% dos alunos os pais não conhecem sua orientação sexual. O docente salienta pensar que as famílias são muito tradicionais e não aceitam questões que formalizam identidades de gênero e por isso os jovens tentam buscar refúgio em outros fatores até chegar ao suicídio que é a última opção de fuga para o problema. Além disso, percebe-se no cotidiano que existem muitos julgamentos e que para ele é extremamente importante falar sobre isso com os educandos, pois não devemos julgar pelas coisas que não temos conhecimento ou não vivenciamos.

Ao ser questionado sobre os princípios e finalidades da disciplina de Sociologia e de que forma estes podem auxiliar os alunos frente aos problemas sociais, R4 diz que o objetivo

¹⁶ Seminaristas são estudantes que recebem uma preparação cultural e Teológica, bem como filosófica, e espiritual. Há os seminários católicos, que preparam os futuros padres e os seminários evangélicos que preparam os futuros pastores de suas respectivas denominações. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Semin%C3%A1rio>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

principal é promover a autonomia do aluno, ou seja, que o aluno questione os agentes externos e se questione em suas decisões.

No ponto de vista do professor – não desprezando as demais áreas – a Sociologia é a base da formação dos estudantes e segundo um velho ditado “não adianta começar a construção de uma casa pelo telhado, tem que começar pela base”. Para ele, a Sociologia e a Filosofia são importantes para a estruturação desta base. Em seu relato, diz que geralmente trabalha com autores e busca sempre aliar a teoria às experiências dos alunos. Esta estratégia é própria da Sociologia. Ou seja, tento visualizar uma forma de aplicabilidade das teorias frente aos problemas vivenciados pelo jovem na sociedade atual e por isso considero importante adaptar a sociologia do ensino médio à linguagem do aluno.

Quando iniciou o trabalho do tema suicídio com os alunos pensou em aplicar a teoria de Durkheim e seguir a diante com os demais objetos do conhecimento, porém percebeu que muitos dos alunos tinham tido pensamentos suicidas, ou então conheciam alguém que havia praticado o ato e, sendo assim, resolveu aprofundar mais o assunto. Trouxe então autores mais atuais, como Zygmunt Bauman que traz o conceito de modernidade líquida e a questão de que nossas relações sociais estão ficando defasadas, devido a evidência do ego diante da convivência social. De acordo com R4 foram aulas muito interessantes e foi perceptível o interesse dos alunos pelo tema.

Ao perceber esta abertura, o professor conta que os questionou – não somente de uma forma acadêmica – de o por que eles acham que o ato de se suicidar acontece. De acordo com as respostas dos alunos poderia ser a falta de suficiência, o não reconhecimento, conflitos de identidade e exclusão social. Entretanto, R4 destacou que nem todos os temas são bem recebidos pelos alunos. Existem assuntos que os mesmos não se sentem motivados ao abordar, como por exemplo: política e religião. No que diz respeito ao trabalho do professor de Sociologia junto às demais áreas do conhecimento para se explorar a temática do suicídio em sala de aula, o professor afirma ser possível e importante. Podemos utilizar da Matemática para diagnosticar as taxas do suicídio. A História também poderia auxiliar a estudar sobre o contexto histórico de surgimento do suicídio. As áreas de Sociologia e Linguagens podem auxiliar na comunicação e na socialização dos problemas.

Ao ser questionado sobre a influência da Internet no ato do suicidar-se, o docente relata que isto é bem provável e principalmente quando utilizamos com frequência, pois podemos nos manter fixados em ideias e padrões que são divulgados pelas redes sociais. R4 salienta que outro fator é que quando ficamos muito conectados nós não vivenciamos os momentos, pois estamos sempre preocupados em agradar aos outros e ser aceito. Sendo assim, a Internet e a

televisão são precursoras de más notícias – na maioria das vezes –, inclusive pode motivar o ato de suicidar-se.

Como última fala o professor assegurou estar atendo. Busca sempre chamar os alunos para conversar quando observa comportamentos diferentes. Além disso, considera importante que a pessoa do professor seja sempre comunicativa para que se possa através do diálogo auxiliar o aluno, bem como comunicar a direção, conselho escolar ou até em alguns casos os órgãos de saúde do município de eventos ocorridos com jovens que precisam de ajuda.

A quinta e última pessoa entrevistada foi uma docente que ministra aulas de Sociologia para o ensino médio no turno noturno. Ela tem 40 anos, é graduada em Pedagogia e Geografia e atualmente é acadêmica de Letras. Neste documento a mesma será representada pela transcrição R5. Este ano de 2022 é o em que a docente está ministrando a disciplina de Sociologia para o ensino médio. Ao ser questionada a abordagem da temática suicídio em sala de aula, a mesma assegura já ter abordado inúmeras vezes, porém em outras disciplinas que já havia trabalhado. Além disso, a docente comenta que acha um tema extremamente importante considerando o aumento dos casos de suicídio entre jovens no país.

Considerando seus próprios saberes experienciais, R5 compartilhou um evento ocorrido em outra escola em que lecionava a disciplina de Ensino Religioso. Seu relato conta que havia uma aluna que estava demonstrando-se deprimida na escola e por isso resolveu observá-la com mais atenção. De acordo com a professora, a jovem não socializava com os colegas e se mostrava cada vez mais distante da turma e dos professores. Na época em questão R5 resolveu abordar em sala de aula o tema do suicídio utilizando uma cartilha que o município – Segredo/RS – fornecia aos seus munícipes para fins de informação e orientação.

Durante a aula a aluna saiu da sala de aula chorando e naquele momento a docente aproveitou para conversar com os demais alunos pedindo a todos que a acolhessem, pois a jovem estava enfrentando problemas familiares e por isso era extremamente necessário que os alunos tivessem um olhar sensível para ela. Depois do ocorrido, R5 relata que soube pela psicopedagoga da escola que a mesma já havia conversado com a aluna e que a jovem já estava demonstrando comportamentos de automutilação e por isso estava dando sinais de que era uma possível candidata ao suicídio.

Ao ser questionada a respeito das possíveis causas do suicídio juvenil, a professora ressalta que as mesmas podem ser: carência, baixa autoestima, problemas sociais – racismo, intolerância religiosa, LGBTfobia, etc. – e problemas familiares. Além disso, a educadora ressaltou a importância de os professores estarem sempre atentos e observando os fatos que ocorrem no contexto em que a criança ou o jovem vivem.

No que concerne ao trabalho da Sociologia escolar a entrevistada reconhece ser de extrema importância, pois daí gera-se autonomia ao aluno. A mesma acredita, que sendo um cidadão crítico o jovem pode transformar a realidade através de suas ideias. Como pano de fundo para se trabalhar a temática do suicídio em sala de aula, ela evidencia a Teoria de Durkheim. De acordo com suas impressões e considerando sua experiência com jovens, R5 acredita que a teoria também abre portas para se falar sobre baixa autoestima, bem como sobre socialização, problemas familiares, carência e depressão.

Contudo, exploradas as respostas dos entrevistados podemos perceber que de maneira predominante a família aparece como sendo principal fator gerador de problemas na sociedade. Em TEIXEIRA (S/D) colhemos uma ideia de que a família contemporânea vive imersa em condições muito precárias para de fato realizar a socialização primária do indivíduo e, por isso, cada vez menos, realmente o faz. Santos (2009, p. 167), em suas contribuições sobre uma obra de Norbert Elias, intitulada *Processos Civilizadores* acrescenta que “os pais mantêm pouco contato com seus filhos e os momentos de diálogo e refeições em comum são poucos, o que desfavorece a transmissão de conhecimentos elementares de civilidade” e aqui poderíamos acrescentar a noção da falta de diálogo no que corresponde ao compartilhamento de subjetividades – intra familiar –, visto que temos como exemplo a pesquisa realizada pelos alunos da escola em que 83% dos alunos afirmaram que seus pais não conhecem suas orientações sexuais.

O mesmo autor, salienta que a família, na maioria das vezes, reconhece suas dificuldades em cumprir com o seu papel de socialização primária e remete grande parte desta responsabilidade para a instituição escolar (TEIXEIRA, S/D). Vimos nos relatos dos entrevistados que nem sempre o trato com os familiares se dá de forma auspiciosa devido o não reconhecimento da importância de o aluno se preparar de forma técnica, cognitiva e sócio emocional para vivenciar sua cidadania. Dito isso, pode-se pensar que nos casos da escola em questão a família não reconhece sua debilidade frente às suas responsabilidades, ao contrário, acredita ser a escola fonte de educação de seus filhos. Dito isto, cabe ressaltar que segundo A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Lei nº 9.394/1996).

Segundo as diretrizes base para educação básica brasileira, podemos considerar que os primeiros passos para formação do indivíduo derivam ou deveriam suceder do âmbito familiar.

Ou seja, a família seria um agente educador em que cuja função seria transmitir seu caldo cultural e social durante os primeiros anos de vida do indivíduo. Este processo, pode ser caracterizado como uma forma de preparação para que o sujeito possa ingressar na sociedade. Além disso, a instituição família tem por função social proporcionar à prole a conquista de diferentes status, como por exemplo: o étnico, o nacional, o religioso, o residencial, o de classe, o político e o educacional. (BRYM, 2006, p. 109).

Outro fator importante que deve ser considerado como forma de desestruturação psicoemocional dos jovens são os problemas externos à família, ou seja, problemas sociais que entram em cena para redefinir os valores e os critérios dos indivíduos, também os modelos de comportamento de cada membro familiar. Neste processo, compreende-se que podem ser geradas influências significativas e seus principais emissores são reconhecidos como sendo, a escola, o ambiente de trabalho, bem como por outras instâncias formativas como associações e comunidades religiosas que introduzir dentro da convivência e do diálogo familiar os elementos que geram discussão e conflitos (TEIXEIRA, S/D).

Em outras palavras, os membros de uma família são socializados e/ou educados pelas disposições do *habitus*. Enquanto elemento constitutivo deste, a família implementa-se como categoria social objetiva conhecida como *estrutura estruturada* e a subjetiva compreendida como sendo *estruturada*. Compreende-se então que sendo estruturada, seus agentes prostram-se ‘passivos’ diante de algo que se encontra fora das suas dimensões individuais, ou seja, são influenciados. Porém, ao estar em comportamento subjetivo de estrutura estruturante a instituição da família é impregnada do individual para o social, isto é, os membros da mesma tornam-se ativos, mediante as determinações estruturais e sociais (SILVEIRA, 2016).

Diante destes processos de influências sociais ressaltadas pela ciência e reconhecidas através da exploração dos obtidos através das pesquisas, somente validam o pensamento de que influências e problemas sociais são potencializadores dos suicidas entre jovens. Pois, tal adiaforização da conduta humana é demonstrada através da cegueira moral relacionada a determinados grupos sociais. Os grupos podem ser compreendidos, como sendo as minorias, os negros, as pessoas que possuem baixo nível socioeconômico, a família LGBTQIA+, os jovens, entre outros que são colocados fora da ótica de preocupação moral, e dessa forma se consolida a falta de empatia, de respeito e de sensibilidade (BAUMANN; DONSKIS, 2014).

Diante da existência de uma sociedade pautada na ausência de empatia, respeito e sensibilidade, é perceptível a consequência de um cotidiano balizado pelos ataques à subjetividade singularizada. Este evento torna-se produtor de uma condição insuportável de

desautorização de ser e de não poder existir abrindo possibilidades para a destrutividade e para a desistência de viver (BOTTI, 2019).

Vimos que de acordo com os relatos do professor R., o mesmo tem se preocupado com a mediação de conflitos ocasionados por julgamentos. Recordamos do julgamento feito pela comunidade escolar sobre o aluno que supostamente seria a cabeça pensante do suposto massacre que seria realizado na escola. Segundo informações o aluno teria entrado em contato e comentado haver tido pensamentos suicidas depois da exclusão social que sofreu. A conduta insensível diante do sofrimento das outras pessoas gera a incapacidade de compreender as dores dos outros e isso reverbera-se na forma como o receptor deste julgamento vai encarar e vivenciar o fato. Outra circunstância relevante é a naturalização da violência e a banalização do suicídio, onde quando o sujeito fala sobre o ato de suicidar-se e aqueles que o cercam não demonstram preocupação e empatia. Isto aponta que não mais importa a vida do outro, seus sentimentos, sua história e sua cultura (BOTTI, 2019). Dessa forma, abrimos espaço para uma nova onda social, que é quando as pessoas se tornam insensíveis ao sofrimento alheio. Neste momento inicia-se então a perda de compaixão o que causa a ruína de conceitos como coletividade e comunidade, e, portanto, de alteridade, de solidariedade, de empatia e respeito. Dessa forma, nossa concepção de humanidade e do que dela provêm são colocadas em xeque (BOTTI, 2019).

Diante dos dados obtidos e das referências bibliográficas até aqui contempladas percebe-se a importância de se pensar sociologicamente e como esse processo pode nos tornar criaturas sensíveis e tolerantes em relação à diversidade e a todos os eventos que contribuem para a construção do social. Ou seja, é no modo de pensar sociologicamente que teremos os sentidos afiados e os olhos abertos para horizontes globalizantes e que representam além das nossas experiências imediatas e das nossas pré-noções. Este processamento pode ser considerado crucial para que se possa explorar todas as condições humanas – individualidades e grupos – que até então relativamente encontram-se invisíveis pela falta de um olhar sensível da sociedade (BAUMAN, 2010, p.25).

Como proposta para auxiliar neste segmento de recuperação da humanidade, sugere-se por intermédio das considerações apreendidas nas leituras documentais e por inferências dos professores entrevistados que a disciplina de Sociologia seja porta de entrada no decurso do resgate da autonomia dos indivíduos frente aos problemas sociais. Contudo, consolidando-a como sendo uma disciplina rigorosamente objetiva, a Sociologia em primeiro lugar, utiliza-se de uma metodologia científica própria e ao analisar o suicídio o vê como um problema sociológico e não apenas como um fenômeno psicológico individual. Tendo como um *fato*

social, Durkheim (1977) visava-o, exatamente através desta distinção, fundando, de acordo com suas concepções, um campo sociológico para este problema social (RODRIGUES, 2019).

Dito isso, compartilha-se da ideia de que seja necessário chamar a atenção para o fato de nos aprimorarmos enquanto conhecedores da sociedade em que vivemos, bem como evoluir enquanto aprendizes sobre *quem somos* enquanto sujeitos e agentes sociais. Contudo sabe-se que nesta marcha pressupõe-se a necessidade de lançarmos mão de *múltiplos olhares* que focalizem a relação que travamos entre interior/exterior e que nos caracterizam enquanto individualidades com pré-noções e concepções próprias da vida em sociedade (RODRIGUES, 2019). Em se tratando do fenômeno do suicídio entre jovens, considera-se que o mesmo possa ser motivado por nossas formas de ver, de viver e de conviver em sociedade, ou seja, apesar de os dados sobre suicídios serem “pouco mais ou menos variáveis”, estas variações “são sempre contemporâneas de alguma crise que venha afetar o estado social” (Durkheim, 1977, p. 14) e diante de uma sociedade em movimento aumenta-se consideravelmente as taxas do suicídio juvenil.

Fundamentado nas reflexões propostas e compartilhadas pelos autores do subcampo da sociologia e da educação, bem como ancorados nos relatos e anseios dos profissionais da instituição educacional assistida que nos trouxeram suas realidades é que discutiremos a potencialidade da disciplina da Sociologia enquanto agente educacional de nível médio frente ao problema do suicídio entre os jovens.

4. PAPÉIS E POSSIBILIDADES DO AMBIENTE ESCOLAR E DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA FRENTE AO PROBLEMA DO SUICÍDIO ENTRE OS JOVENS

Sabe-se que a taxa mundial de suicídio entre jovens tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, segundo a OMS – Organização Mundial da Saúde. Por isso, compartilha-se da preocupação de falar sobre tal fenômeno social e sua intensidade, porém importa-se em analisá-lo segundo pensamentos científicos, e/ou, pensamentos sociológicos (PIUNTI, 2017).

Em busca da construção desta análise e reflexão faz-se interessante pensar no viés da educação como sendo uma das principais propostas revolucionárias em grande escala da contemporaneidade. De acordo com Oliveira (2012), tal narrativa poderia colaborar para o andamento de um processo de reflexão pedagógica que permitisse aos seus autores compreender causas e consequências de suas ações – profissão educador – de acontecimentos, circunstâncias de um passado remoto ou recente e, desta forma, criar novas estratégias a partir de um processo de reflexão e ação. Compartilhar saberes e experiências pedagógicas seria uma oportunidade de gerenciar um movimento de crescimento profissional de todos os docentes envolvidos (PIUNTI, 2017).

Além do processo analítico que sugere ser realizado, acentua-se a possível correlação a ser feita ao conceito de *esperança*, este pautado em uma dimensão política, ou seja, “coletiva e mobilizadora de construção de outra sociedade porque — não somos esperançosos por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2004, p. 10). Tal esperança pode ser compreendida segundo um caráter potencializador do desejo de construir coletivamente uma sociedade que irá optar pela defesa dos direitos humanos, do diálogo, da solidariedade, do encontro e do compromisso com o Outro (BOTTI, 2019).

A sociologia neste caso específico, ou seja, na busca de uma sociedade esperançosa pode vir a colaborar para uma nova interpretação do problema *suicídio juvenil* e pode ser caracterizada segundo Bauman (2010) como sendo agente de novas e insuspeitas possibilidades de conviver com mais consciência de si, correlacionando à compreensão do que nos cerca em termos de um *eu* mais completo, de um (re) conhecimento social, que por conseguinte gerencia liberdade e controle. A partir disso, percebe-se o quão importante torna-se a liberdade e o controle do próprio *eu* ao diagnosticar como vivemos em um tempo de humanização de coisas em detrimento da coisificação humana. Ou seja, “vidas e relações humanas são tratadas como coisas descartáveis, líquidas e com validades pré-estabelecidas”. Dessa forma, é neste evento que a vida humana está aos poucos perdendo a sua razão de ser em si mesma, e como já vimos

através dos nossos referenciais teóricos muito se é influenciado pela sociedade, bem como pela ética do mercado que frequentemente instrumentaliza a vida conforme os interesses do mercado capitalista neoliberal (BAUMAN, 2007).

Dito isto, podemos nos questionar por onde devemos iniciar o processo de construção de conhecimentos segundo as orientações curriculares para os professores de ensino médio. Vê-se que de acordo com o documento base não há definições nem pré-requisitos, ou seja, não existe um cronograma fechado e pré-estabelecido como projeto anual de estudos, e por isso, não há uma sequência de projetos. Diante destas diretrizes a Sociologia escolar é autônoma frente à ordem exploratória de seus objetos de conhecimento. Entretanto, apesar de não haver uma rota rígida a seguir, importa-se um olhar atento e consciente para que se possa manter a legitimidade da disciplina no ensino médio (OCEM, 2006).

Diante desta asserção, é importante salientar que apesar deste acordo metodológico pode-se verificar no documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio que são três os recortes elencados como propostas de trabalho para o ensino de Sociologia. Estes podem ser apreendidos nos parâmetros curriculares oficiais, também nos livros didáticos, bem como nas instituições escolares. São eles: conceitos, temas e teorias. Subtende-se que estes recortes sejam explorados de forma conjunta ou independente e esta abordagem pode ser determinada de acordo com os objetivos do docente, ou então considerando a comunidade escolar e questões regionais (OCEM, 2006). De acordo com Silva (1986) a ideia deste documento de orientação é que se possa partir a uma reflexão sobre como estes contextos podem ser trabalhados em sala de aula. Ou seja, é possível pensar em um trabalho de referências onde um contexto ligasse a outro como forma de complementaridade. Decerto, que

Um tema não pode ser tratado sem o recurso a conceitos e a teorias sociológicas senão se banaliza, vira senso comum, conversa de botequim. Do mesmo modo, as *teorias* são compostas por conceitos e ganham concretude quando aplicadas a um tema ou objeto da Sociologia, mas a teoria *a seco* só produz, para esses alunos, desinteresse. Entende-se também que esses recortes se referem às três dimensões necessárias a que deve atender o ensino de Sociologia: uma *explicativa* ou *compreensiva* – teorias; uma *linguística* ou *discursiva* – conceitos; e uma *empírica* ou *concreta* – temas (OCEM, 2006 p. 117).

Dessa forma, toma-se um recorte como sendo o centro e em sequência temos os outros dois como sendo auxiliares no processo de ensino e aprendizagem em Sociologia escolar que visa a explicação de uma determinada realidade e fenômeno social. Contudo, seja qual for o ponto central de trabalho realizado pelo docente, é imprescindível que o mesmo possua os conhecimentos que são necessários para abordar os conteúdos que pretende e isto inclui conhecimentos teóricos e conceituais (OCEM, 2006).

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio são vários os temas que podem ser abordados junto aos alunos, dentre eles estão: globalização, questão racial, etnocentrismo, religião e religiosidade violência, sexualidade, identidade de gênero, meio ambiente, violência, cidadania, preconceitos, movimentos sociais, direitos humanos, meios de comunicação de massa, entre outros. Neste evento importa-se que busque trabalhar com temáticas que envolvem os alunos, ou seja, que pertençam a sua realidade social (OCEM, 2006).

Porém, podemos verificar em nossa referência documental que a temática que envolve nossa problemática – suicídio juvenil – não se encontra dentre os temas sugeridos como pauta de estudos pelo documento normativo. Entretanto, as bibliografias trazem fortes considerações e argumentos sobre o suicídio juvenil que permeia o trajeto de avaliação dos fatores de risco fazendo uma correlação com os problemas sociais dos sujeitos, que são: crises sociais, desemprego e insucesso escolar, a pobreza, discussões, perda de entes queridos, términos de relacionamentos afetivos, problemas trabalhistas e legais (BARRÓN, et al. 2016). Somando a isto, também são considerados fatores de risco os seguintes eventos: histórico suicida na família, o uso excessivo de álcool e drogas, os maus-tratos no período da infância, o isolamento social e alguns transtornos mentais, que podemos conhecer por depressão e esquizofrenia. Também podemos considerar nestes grupos as doenças orgânicas e dores incapacitantes estas aumentam os riscos de o sujeito cometer suicídio – um comunicado da Organização Mundial da Saúde, no Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio em 10 de setembro de 2004 – (BARRÓN et al. 2016).

Neste trabalho de esclarecimento e orientação, considera-se que a família tem um papel essencial e insubstituível. Entretanto, vê-se principalmente que no que corresponde aos nossos dados de campo e as referências bibliográficas que o maior fator preponderante ao adoecimento do jovem encontra-se no seio familiar, ou seja: famílias que são instáveis, que são abandonadas, violentas e extremamente rígidas, também existem aquelas que são ausentes e as famílias que não cumprem seus papéis de instrução e proteção ao indivíduo. Diante disso e de forma antagônica surge o ambiente educacional formal como espaço de socialização eficaz na prevenção do suicídio juvenil (BARRÓN et al. 2016).

Haja vista que a escola é tida como espaço de socialização e como contexto eficaz de prevenção para o problema, focaremos na Sociologia escolar – pertencente a área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais – como sendo uma ciência abordada em sala de aula que é equipada por potencialidades que podem colaborar para a formação do jovem visando sua autonomia, seu pensamento crítico e problematizador e o desenvolvimento da sua imaginação sociológica frente aos problemas sociais que o levam para a rota de fuga do suicídio.

O fato de aprender a pensar sociologicamente implica a exploração das contribuições científicas de autores da área, por isso, fazer pesquisas, mesmo que sejam pequenas, são uma forma de motivar um olhar investigativo por parte do jovem. A Sociologia escolar, seus conceitos, teorias e temas apresentam ao aluno as inúmeras possibilidades de enxergar o mundo sob diferentes óticas e através dos próprios critérios de avaliação superar o senso comum. Dessa forma, o aluno constrói uma visão mais tolerante acerca da diversidade presente no mundo, bem como tem autonomia para avaliar seus próprios saberes experienciais sem entregar-se ao desânimo (PIUNTI, 2017).

Todavia, a Sociologia nem sempre é vista de forma favorável,

[...] Em face do mundo considerado familiar, governado por rotinas capazes de reconfigurar crenças, a sociologia pode surgir como alguém estranho, irritante e intrometido. Por colocar em questão aquilo que é considerado inquestionável, tido como dado, ela tem o potencial de abalar as confortáveis certezas da vida, fazendo perguntas que ninguém quer se lembrar de fazer e cuja simples menção provoca ressentimentos naqueles que detêm interesses estabelecidos (BAUMAN, 2010 p.24).

Diante destes fatores de negação social um dos maiores desafios do professor de Sociologia no ensino médio é a criação de estratégias para a superação do senso comum e por isso a construção de pensamentos científicos com os alunos (PIUNTI, 2017). Ou seja, é através da Sociologia que é permitido aos estudantes, que através de considerações do pensamento sociológico acabem por problematizar tudo o que até então lhes era apresentado como única verdade e, é neste processo que o jovem tem a oportunidade de descobrir, de reconhecer e de respeitar as diferentes realidades sociais que lhes cercam (PIUNTI, 2017).

Para se abordar a temática do suicídio entre os alunos existem métodos adequados como por exemplo, as músicas com letras que possibilitem um debate sobre o tema suicídio a partir de linguagem artística, poética e musical – não científica –, assim sendo estas propostas abrem espaços para que os jovens reflitam sobre as várias nuances do problema (PIUNTI, 2017).

Outra motivação que torna pertinente o tratamento do tema em aulas de Sociologia, é o contágio para o suicídio através de notícias – que por vezes mal elaboradas – frequentemente tratam do assunto, fazendo suas colocações, publicando imagens, detalhes dos meios, mas que inconscientemente podem influenciar jovens na ação do autoextermínio e por isso já se fala em diretrizes para o compartilhamento de determinadas informações. Dentre as orientações na forma da divulgação, estão: evitar glorificar, romantizar ou descrever como inexplicável o ato do suicídio; evitar retratar o suicídio como uma resposta esperada às adversidades da vida;

evitar títulos sensacionalistas, imagens e linguagem estigmatizante; evitar incluir o método, local ou detalhes do suicídio; não compartilhar o conteúdo de cartas suicidas; evitar citar a polícia ou as primeiras pessoas que presenciaram o ato; e apresentar recursos sempre que possível, como o telefone de linhas de ajuda e endereço de serviços de saúde mental (BOTTI, 2019).

Sendo assim, compreende-se que toda e qualquer experiência por parte do jovem deve ser vista pela ótica da criticidade e do questionamento, para que o mesmo não seja pego desprevenido mediante o confronto com os problemas sociais que o abarcam. Necessário para isso, o gerenciamento de critérios de interpretação e participação cidadã, por parte do educando. Por isso, compartilha-se da ideia de Tomazi (2013), que problematizar um fenômeno social, a partir do estranhamento e desnaturalização, significa fazer perguntas com o objetivo de conhecê-lo e este processo é orientado através da “indução de pensamentos científicos em sociologia”, como por exemplo: questionar com o que parece natural, realizar comparações entre fatos, contextualizar situações e sujeitos considerando suas individualidades, analisar os resquícios/eventos do processo histórico da humana – imaginação sociológica –, análise e síntese conclusiva através dos critérios sociológicos apreendidos e postos em prática. Diante deste processo, o desvio dos ideais e das considerações do senso comum é inevitável (PIUNTI, 2017).

Em Botti (2019), encontramos:

Como por si mesmos os fatores não levam alguém a pensar ou tentar o suicídio, nem o contrário (WERLANG; BORGES; FENSTERSEIFER, 2005) em função do caráter dinâmico entre esses fatores, que interagem em um complexo processo pessoal, familiar, comunitário e social (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016), por isso as diferenças pessoais e contextuais de reação à exposição aos mesmos fatores, diante dos quais alguns se fragilizam enquanto outros se protegem (YUNES, 2003) (BOTTI, 2019 p. 5).

Diante destas contribuições percebe-se de que apesar de haver influências sociais de maneira indireta ou direta sobre o ato de suicidar-se o que realmente determina a realização do ato é a forma como o sujeito recebe o problema social. Sendo assim, o fragilizar-se ou o proteger-se mediante os fatos sociais diz muito sobre a formação do indivíduo para a cidadania. Sua autonomia, seu pensamento crítico e problematizador. Sobretudo, por vários motivos é mantido em situações desconcertantes, ou seja, em posições que demonstram estarem conformados com as injustiças que a própria sociedade lhes impõe. É de maneira natural, que esta opressão, muitas vezes invisível, consegue com que muitos jovens percam aos poucos as suas razões de ser e existir, e por isso tomam o suicídio como uma rota de fuga cada vez mais

frequente, e infelizmente, como a única possibilidade para que se livrem de alguma situação (FILHO, et al. 2019).

A pessoa com comportamento e/ou ideação suicida nada mais quer que acabar com algo que para ele está sendo intolerável e, dessa forma, acredita que no ato de suicidar-se terminará com sua existência e conseqüentemente com seu sofrimento. Por esta ótica, o suicídio é apenas a ponta de um *iceberg* para aquele que já não encontra uma saída para livrar-se da angústia de um sofrimento, pois “[...] estima-se que a cada dez tentativas de tirar a própria vida apenas uma termina em morte” (BOTEGA, 2015, p.64).

Portanto, diante de eventos que geram sofrimento e distorção mental, podemos considerar que a instituição familiar e escolar são contextos que contribuem significativamente para a geração do bem-estar na vida das pessoas. Cada uma destas instituições possui suas características que lhes são próprias e que estão relacionadas com seus contextos demográficos e temporais. Se de um lado a família é responsável pelo bem-estar de seus membros, bem como no exercício dos ensinamentos e do compartilhamento de valores, por outro lado a escola possibilita que seja dada uma continuidade aos ensinamentos, enfim, aos processos evolutivos (ROCHA et al, 2019).

Imaginar a relação familiar e escolar na contemporaneidade é pensar na complexidade de dois contextos que influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento das pessoas e em se tratando de aprendizagem, apesar de muitos desafios enfrentados por aqueles que compõem as instituições de ensino, faz-se necessário um planejamento que vise conhecer cada vez mais a realidade, analisando os contextos sociais, fatores internos e externos que interferem nas duas instituições (ROCHA et al, 2019 p. 7).

Por estas razões para que a família possa ser estável, a sociedade deve ser inclusiva, e a escola deve buscar educar para prevenir o aumento dos índices de suicídio entre jovens. Os professores devem ser compreensivos com os problemas dos educandos, precisam ser comunicativos e flexíveis no trato com os jovens, e por fim, o jovem precisa se projetar em um futuro definindo através de suas próprias concepções e perspectivas sociais. Dessa forma, o mesmo agirá com racionalidade durante seu processo de integralização e na vivência de sua cidadania (BARRÓN et al. 2016).

Apesar dos dados preocupantes que se alastram sobre e caracterizam a dimensão do problema do suicídio entre jovens, ainda não existem políticas públicas eficientes de governo para prevenir e/ou combater os altos índices de suicídio. Como forma de amenizar o alto número de casos e suprir a indiferença do Estado, são vários os institutos filantrópicos ligados a organizações que não são governamentais (ONGs) ou à igrejas que desenvolvem campanhas, entre as quais se destaca *Setembro Amarelo* e também realizam os vários projetos que apoiam e buscam conscientizar as pessoas que buscam ajuda, como o Centro de Valorização da Vida (CVV), entre outros (FILHO, et al. 2019).

5. CONCLUSÃO

De acordo com as considerações dos autores estudados, bem como segundo os dados coletados em pesquisa de campo, a estrutura familiar encontra-se abalada diante de tantas mudanças na sociedade contemporânea, que incluem também os valores institucionais da família (BARRÓN et al. 2016). Um fato que ficou em evidência foi o desgaste da família frente a responsabilidade de instruir e educar o jovem. Este desgaste, segundo a pesquisa realizada, passa a ser percebido na falta do diálogo entre pais e filhos, bem como a exagerada cobrança por parte dos pais, tanto sobre o estudante e sua carreira profissional como sobre a instituição escolar e seu papel na educação e instrução do jovem na sociedade.

Além disso, pode-se concluir que apesar da escola e seus profissionais sentem-se frustrados pelo pouco que conseguem fazer pelos estudantes – segundo as entrevistas realizadas com profissionais –, de acordo com as nossas referências bibliográficas é a própria instituição escolar que é reconhecida como sendo peça fundamental na formação do indivíduo (PIUNTI, 2017). Sendo assim, a frustração por parte dos profissionais da escola torna-se minúscula frente a função social da escola de acordo com a ótica de pesquisadores e sociedade. Além disso, o desânimo dos profissionais da gestão e principalmente no que diz respeito a orientação e supervisão não alteram a necessidade de continuarem promulgando espaços ao diálogo com os educandos, afinal os próprios relatos nos informam da necessidade que os alunos têm de conversar com os profissionais, visto que em casa não possuem suporte por parte da família.

Diante do trabalho de campo pode-se compreender ainda mais em evidência o papel da instituição escolar e da escola na formação integral do sujeito. Nossas referências nos recordam de o quanto os jovens estão passando por momentos de descobertas e que muitas vezes acompanhar a sociedade e suas mudanças lhes custa caro, pois não tendo muitas vezes a orientação e o amadurecimento necessário para lidar com certas situações os mesmos podem frustrar-se e entregarem-se a atos e situações que lhes parecem diminuir a insatisfação que sentem.

A Sociologia escolar, por sua vez, também exerce papel crucial no processo de auxílio aos jovens. Ou seja, considerando sua potencialidade a disciplina de Sociologia em nível médio é extremamente necessária para proporcionar competências como a autonomia intelectual, atitude investigativa e disposição para o pensamento crítico-problematizador (MOCELIN, 2020). Além disso, proporciona o exercício da imaginação sociológica que “capacita seus possuidores a compreender um cenário histórico mais amplo” (MILLS, 1982 p.11) o que

corresponde à capacidade de pensar sociologicamente – através de teorias e métodos – (MEIRELLES et al; 2020) sobre o contexto histórico dos fatos, suas influências e mutações dentro do contexto social.

De acordo com estas referências, poder-se-ia cogitar o estabelecimento de dois vieses em que a Sociologia escolar auxiliaria a afastar o educando de comportamentos e/ou ideações suicidas. De um lado, caracteriza-se um processo direto onde o jovem pode, através do estudo da disciplina, munir-se de critérios e estratégias de convívio social que possam ressaltar seu próprio *eu* diante dos problemas sociais, o que o capacita racionalmente em sua própria postura frente aos mesmos. Por outro lado, percebe-se a possibilidade de existir uma formação indireta e que também pode ser relacionada ao problema do suicídio. Estamos falando da habilidade de um olhar sensível para com o sofrimento do outro. Ou seja, noções como respeito à diversidade, cultura, etnia, igualdade de gênero, empatia, equidade, igualdade social, respeito a noções políticas e religiosas etc., são temáticas que contribuem para a formação de um cidadão sensível e empático e que podem colaborar para a diminuição dos crescentes índices de suicídio entre os jovens.

Portanto, compreende-se a grade curricular de Sociologia – conceitos, teorias e temas – como sendo um dos principais agentes de mediação na formação do jovem integral, principalmente no que tange a necessidade da diminuição dos índices de suicídios entre jovens no Brasil. Isto porque, o conhecimento sociológico permite ao educando fazer uma análise minuciosa da realidade que o cerca, ou seja, na qual ele está inserido. E vai além, quando a Sociologia possui um caráter colaborativo para a formação da pessoa humana, pois nega o individualismo e demonstra a interdependência entre o indivíduo e sociedade (SARANDY, 2001). Sendo assim, as propostas da disciplina e sua aplicação consciente podem e devem certamente colaborar para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do indivíduo, preparando-o para conviver com os reveses sociais sem se deixar levar por comportamentos e/ou ideações suicidas, bem como na adesão de um olhar sensível (BAUMAN, 2010) frente aos problemas e sofrimentos dos sujeitos que com ele convivem. Portanto, é alto o potencial da sociologia escolar para o auxílio direto e indireto na diminuição das elevadas taxas de suicídios entre jovens no Brasil.

A aula de sociologia servirá como palco de gerenciamento das informações sobre o tema, onde pode-se conectar fundamentações teóricas aos acontecimentos corriqueiros da vida dos estudantes. É dessa forma que a instituição escolar e o currículo da sociologia na escola podem informar sobre o assunto e buscar gerar critérios de observação e tratamento do assunto na sociedade contemporânea.

5. REFERÊNCIAS

BASILIO, Ana Luiza. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/16/homem-realiza-o-primeiro-suicidio-assistido-da-italia.ghtml>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

BARRÓN, Elsa Viviana. KRMPOTIC, Claudia Sandra. La prevención del suicidio juvenil: entre la enunciación y la acción. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/VJtVhMmhyddVfZZYsNC6brH/abstract/?lang=es>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

BOTTI, Nadja C. L. DESAFIOS ÉTICOS E SUICÍDIO NA PÓS-MODERNIDADE. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12395/7002>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

DSM V: o guia mais completo (e fácil de entender) para todos os profissionais de saúde. Disponível em: <https://descomplica.com.br/blog/dsm-v/>. Acesso em: 27 de novembro de 2022.

FERREIRA, Renato. Suicídio. Disponível em: https://www.academia.edu/17311955/Suicidio?bulkDownload=thisPaper-topRelated-sameAuthor-citingThis-citedByThis-secondOrderCitations&from=cover_page. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

GURSKI, Rose. STRZYKALSKI, Stéphanie. PERRONE, Cláudia Maria. O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382020000200017. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

JIMÉNEZ, Adalgizar et al. Comportamiento de la Conducta Suicida infanto-juvenil. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-21251998000600008. Acesso em: 12 de novembro de 2022.

KIELING, Laura Eduarda M. BOEFF, Muriel Closs. CAMARGO, Tatiana de Souza. Percepção de sintomas depressivos em estudantes de ensino médio de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24834>. Acesso: 05 de novembro de 2022.

LIMA, Bruno Belo. SILVA, Fábio dos Santos da. O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS. Disponível em: <<http://repositorio.unifap.br/jspui/handle/123456789/679>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

LUEDKE, Eugênio Filho. FLORA, Ângela Della. MENDES, Luís Roberto Sousa. SUICÍDIO JUVENIL E SOCIEDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11565>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

MEIRELLES, Mauro. RAIZER, Leandro. IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA, o ensino da Sociologia e a: In Dicionário do Ensino de Sociologia. Editora Café com Sociologia. 1ª Edição. 2020. Pp 182-186.

MOCELIN, Daniel Gustavo. CAMPO, o ensino da Sociologia e o seu: In Dicionário do Ensino de Sociologia. Editora Café com Sociologia. 1ª Edição. 2020. Pp 57-62.

OLIVEIRA, Fábio. Adolescentes que se automutilam: por quê? Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/06/02/adolescentes-que-se-automutilam-por-que.htm>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Volume 3. Secretaria da Educação Básica. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

PENSO, Maria A. SENA, Denise P. A. de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/rLfXhwgd7qgpBzMSrjwFXmj/?lang=pt#>>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

PIUNTI, Juliana. CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CIENTÍFICO A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA. Disponível em: <<https://revistahipotese.emnuvens.com.br/revista/article/view/297/292>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

PLUMER, Ellen. Concepções Teóricas Clássicas das Ciências Sociais: Weber, Durkheim e Marx. Disponível em: <https://outros-saberes.webnode.com/_files/200000223-4c8b44d813/Texto%202_concep%C3%A7%C3%B5es%20te%C3%B3ricas%20cl%C3%A1ssicas%20das%20ci%C3%Aancias%20sociais.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

RAITZ, Tânia Regina. NOVOS DESAFIOS DOS JOVENS NA ATUALIDADE: TRABALHO, EDUCAÇÃO E FAMÍLIA. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/jNxSdtJwbwtPRXHBQwFwGMS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de novembro de 2022.

RAMOS, Danielle Marques dos. NASCIMENTO, Virgílio Gomes do. A Família como Instituição Moderna. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/fractal/a/LMQF6hgPt4nXY8d4q3sQS4M/?lang=pt>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

RIBEIRO, José Mendes. MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/txZCWtk98yqSkvTTj6Vj74b/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

ROCHA, Alexandre Fernando Rodrigues. SOUSA, Elson Silva. INSTITUIÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA3_ID9650_17092019102150.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e Sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WkqfBT8ZRMcmvC7HHjmBnpP/?lang=pt>>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

SANCHES, Danielle. Levantamento indica alta no número de suicídios entre jovens no Brasil. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/10/levantamento-indica-alta-no-numero-de-suicidios-entre-jovens-no-brasil.htm>>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

SILVEIRA, Ivana Teixeira. SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E FAMÍLIA. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4904/art13_22.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

SILVA, Liliane M. A. COUTO, Luis Flavio. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300007>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

SINGLY, Francois de. Sociologia da Família Contemporânea. Disponível em: <<https://www.ppged.ufv.br/wp-content/uploads/2017/08/Sociologia-da-familia-contemporanea1.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

TEIXEIRA, Geiliane A. Salles. FAMÍLIA E ESCOLA; CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL SOCIAL DESSAS INSTITUIÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. Disponível: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Geiliane_Teixeira.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2022.

TOMAZI, Nelson Dacio. O QUE É ANOMIA? In: Conceitos e Categorias Fundamentais do Ensino de Sociologia. Volume I. ORG. Cristiano Das Neves Bodart. Editora Café com Sociologia. Pp 17-19, 2021.

6. APÊNDICES

1. Segue a baixo questionário aplicado ao diretor, à orientadora e à supervisora escolar.

Total de entrevistados: 03

Técnica de Registro: Caderno de Anotações

1. Idade;
2. Formação (Graduação + Pós);
3. Quantos anos de profissão;
4. Qual seu cargo? Quanto tempo trabalho no mesmo?
- Considerando sua experiência como profissional da educação.
5. Já trabalhou em alguma instituição onde houve casos de suicídio entre os jovens?
6. Este foi/é um tema trabalhado pelas escolas através da promoção de atividades com os alunos?
7. Acredita que estes problemas afetam e levam o jovem a cometer suicídio? Quais seriam estes problemas? Você pode percebê-los na comunidade escolar onde está situada a instituição?
8. De que forma como você percebe que a escola como um todo pode auxiliar para evitar que jovens cometam suicídio?
9. De que forma como você percebe que a sua função pode auxiliar para evitar que jovens cometam suicídio? Quais as atribuições do seu cargo podem colaborar pra isso?
10. Atualmente na escola que você trabalha são feitas atividades, seminários, palestras, dinâmicas para falar sobre o suicídio juvenil? Se sim, quais?
11. Quais são os planos da escola para o futuro quanto a este tema? De que forma você acha que os profissionais podem se auxiliar para colocar esses planos em prática?
12. Qual a postura da escola frente a episódios de automutilação, depressão e ansiedade por parte dos alunos?
13. Qual é o discurso dos alunos frente a estes problemas?
14. Como se dá a relação escola e família?

2. Segue a baixo questionário aplicado aos professores de Sociologia no ensino médio.

Total de entrevistados: 02

Técnica de Registro: Gravações

1. Idade;
2. Formação (Graduação + Pós);
3. Quantos anos de profissão;
4. Qual seu cargo? Quanto tempo trabalho no mesmo?
- Considerando sua experiência como professor (a) no Ensino Médio;
5. Já trabalhou esta temática na sala de aula?
6. Já tomou conhecimento de tentativas de suicídio entre os jovens das escolas em que trabalhou?
7. Quais seriam os problemas sociais que demonstram mais afetar os jovens?
8. Acredita que estes problemas afetam na proporção de levar o jovem ao suicídio?
- Considerando o currículo de Sociologia para o Ensino Médio;
9. Segundo a sua experiência profissional e de acordo com os princípios de finalidade da Sociologia Escolar você acredita que a os conhecimentos adquiridos através do estudo da disciplina pode auxiliar ao jovem em sua autonomia frente aos problemas sociais?
10. Ao seu entendimento quais seriam os conceitos e os objetos de conhecimento da Sociologia que poderiam colaborar para a autonomia?
11. De que forma você mobiliza ou mobilizaria os recursos dos saberes disciplinares para atingir determinado objetivo?
12. Considerando a importância de relacionar os saberes experienciais dos alunos aos objetos de conhecimento da disciplina durante a transposição didática qual a sua percepção frente aos alunos. Como eles reagem? Mostram-se abertos ao compartilhamento das vivências?
13. De acordo com a ideia interdisciplinaridade: poderíamos trabalhar de forma interdisciplinar a temática do suicídio no ensino médio?
14. Alguns teóricos do subcampo da sociologia nos trazem que redes sociais e internet podem ser considerados pontos de influência ao ato de suicidar-se. De que forma essa informação poderia ser associada ao aumento dos

casos de suicídio entre os jovens no Brasil? Quais são os fatores predominantes na rede que colaboram com a alta dos índices?

15. Se houve a observação de um comportamento diferente por parte do aluno. Qual é ou qual seria a atitude cabível ao docente? Como deve ser o relacionamento família e docente?

7. ANEXOS

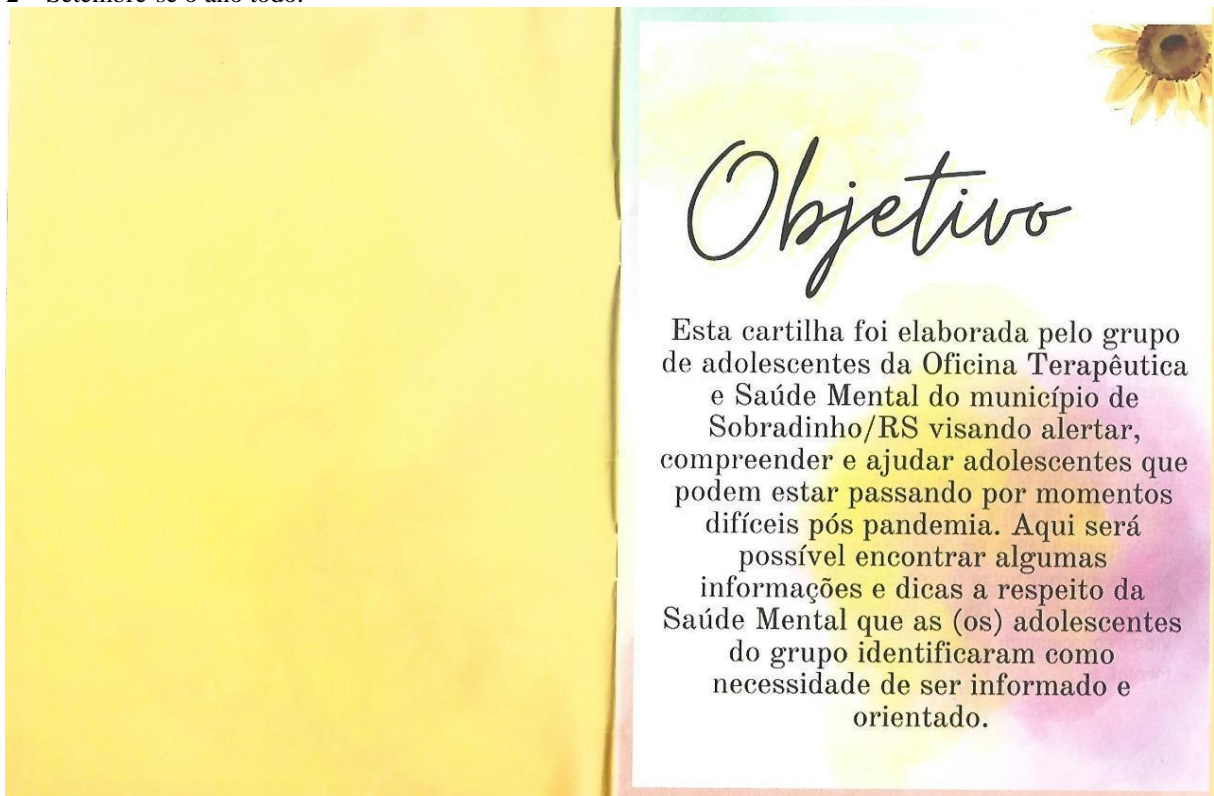
3. Segue a baixo cartilha “Setembre-se o ano todo”. Trabalho realizado por adolescentes e jovens do município em parceria com os profissionais/funcionários da área da saúde. Este material foi explorado junto às turmas do 8º ano e foi citado pela supervisora entrevistada.

1 – Setembre-se o ano todo.



Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022

2 – Setembro-se o ano todo.

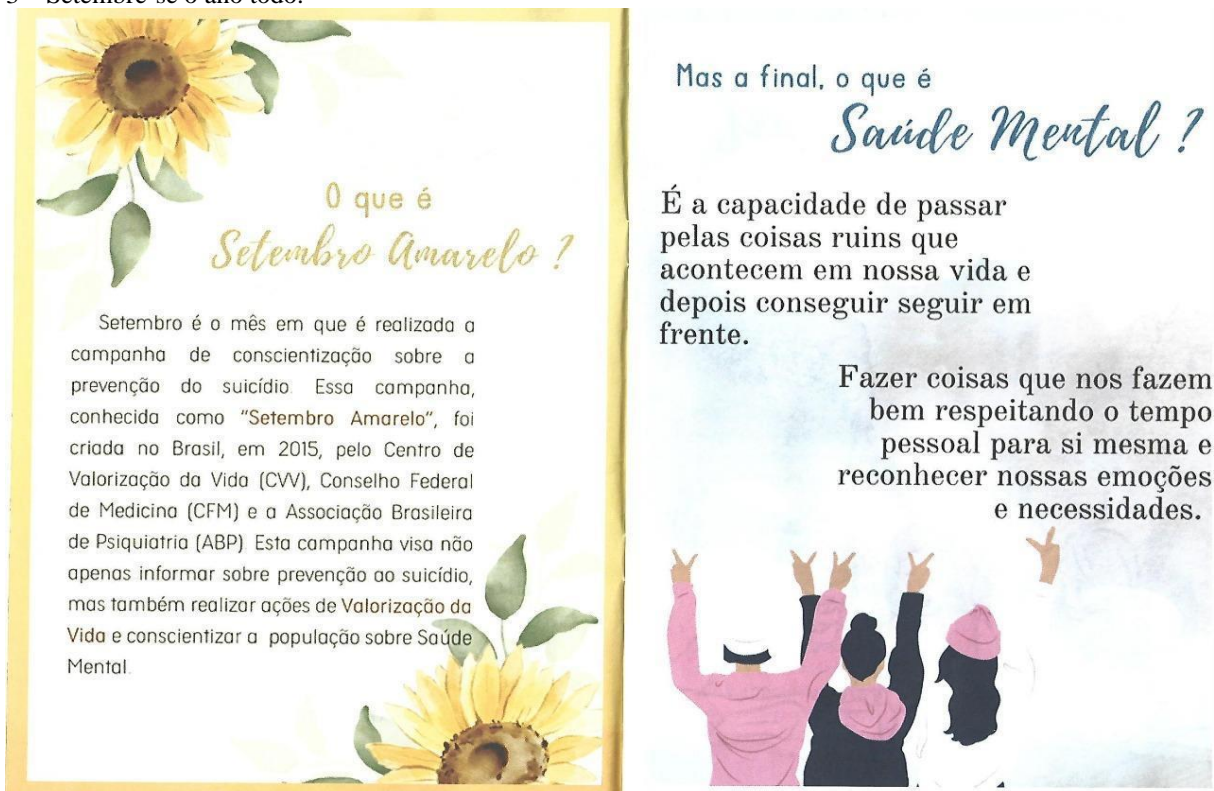


Objetivo

Esta cartilha foi elaborada pelo grupo de adolescentes da Oficina Terapêutica e Saúde Mental do município de Sobradinho/RS visando alertar, compreender e ajudar adolescentes que podem estar passando por momentos difíceis pós pandemia. Aqui será possível encontrar algumas informações e dicas a respeito da Saúde Mental que as (os) adolescentes do grupo identificaram como necessidade de ser informado e orientado.

Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

3 – Setembro-se o ano todo.




O que é Setembro Amarelo?

Setembro é o mês em que é realizada a campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio. Essa campanha, conhecida como "Setembro Amarelo", foi criada no Brasil, em 2015, pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Esta campanha visa não apenas informar sobre prevenção ao suicídio, mas também realizar ações de Valorização da Vida e conscientizar a população sobre Saúde Mental.

Mas a final, o que é Saúde Mental?

É a capacidade de passar pelas coisas ruins que acontecem em nossa vida e depois conseguir seguir em frente.

Fazer coisas que nos fazem bem respeitando o tempo pessoal para si mesma e reconhecer nossas emoções e necessidades.



Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

4 – Setembro-se o ano todo.

Saúde Mental na escola:

Validar os Sentimentos

- Não reduzir o sentimento de um colega apenas porque para você pode ser uma bobagem ou não tão importante
- Cada um pensa e sente de diferentes formas.

Proporcionar espaço para diálogos

- Aproximação de alunos, professores e pais, pois é dentro da escola que acontecem "parte das coisas"

Acolhimento e profissionais Psicólogos nas escolas

- Um fator importante seria haver profissionais capacitados atuando dentro de cada escola para tornar mais acessível o diálogo sobre sofrimento emocional e aproximar a valorização da Saúde Mental

Estrutura para escuta e acolhimento

- Adequado que a escola prepare um ambiente para realizar um acolhimento humanizado, seguro e livre de julgamentos preservando o sigilo

Capacitações e cursos

- Sobre prevenção ao suicídio para profissionais educadores

Sigilo e respeito mútuo:

- Evitar fofocas e julgamentos

Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

5 – Setembro-se o ano todo.

Saúde Mental na família

CONVERSAR COM ESCUTA ACOLHEDORA

- Depositar a atenção no que está sendo dito e validar a emoção da pessoa.

EVITAR JULGAMENTOS

- "Tá querendo só chamar a atenção".
- "É coisa de idade".

PARTICIPAR DAS ATIVIDADES DOS FILHOS

- Jogos
- Estudos
- Filmes e séries
- Etc...

MANTER DIÁLOGOS

- Entre familiares;
- Também com a escola.

OBSERVAR ALGUNS SINAIS

- Ficar trancado muito tempo no quarto ou no escuro
- Isolamento social;
- Abandono da higiene pessoal;
- Perda significativa de interesses.

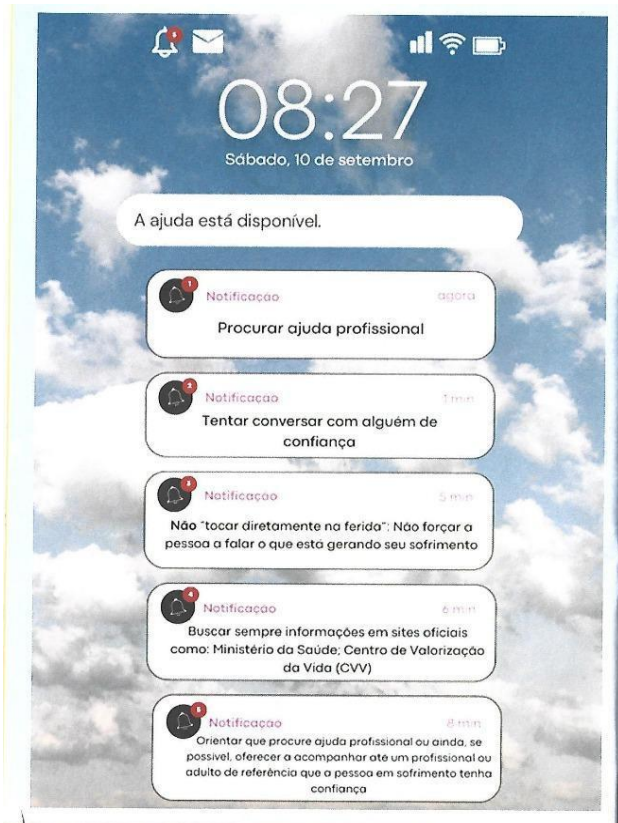
Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

6 – Setembro-se o ano todo.



Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

7 – Setembro-se o ano todo.



Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

8 – Setembro-se o ano todo.

Entenda: Rede de Apoio

São pessoas, lugares, animais, profissionais, etc.
Onde se faz possível buscar suporte.

MINHA REDE DE APOIO Identifique os seus para cada campo

Auto Cuidado:
Trata-se de tirar um tempo para si, se analisar e observar como está no momento para então buscar realizar atividades que possam despertar o seu bem-estar.

Para ficar bem

Músicas

- ✓ Sia - Unstoppable
- ✓ Alok - Hear Me Now
- ✓ Chase Atlantic - "SWIM"
- ✓ Natiruts - Tudo Vai Dar Certo
- ✓ Maroon 5 - Sugar
- ✓ Eminem ft. Rihanna - The Monster
- ✓ Three Days Grace - Riot
- ✓ Ed Sheeran - Shivers
- ✓ Demi Lovato - Ok not be OK
- ✓ Coldplay - Paradise
- ✓ Charlie Brown JR. - Não deixe o mar te engolir
- ✓ Charlie Brown Jr - Céu Azul

Filmes e séries

- ✓ 16 desejos
- ✓ The f**k list
- ✓ Anne with an E
- ✓ Palavras nas paredes do banheiro
- ✓ Para todos os garotos que já amei
- ✓ MOXIE
- ✓ Nós somos a onda

Livros

- ✓ Orgulho e preconceito
- ✓ Extraordinário
- ✓ A menina que roubava livros
- ✓ Caroline
- ✓ Quem é você, Alasca?
- ✓ Anne Frank
- ✓ Jogos Vorazes - trilogia

Dicas

Procure explorar os seus talentos. Experimente contato com artes (escrita, desenho, dança...)

Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

9 – Setembro-se o ano todo.

Trilha para a harmonia

O quanto já corri por você...
Meus pulmões esvaziados
Sentimento falso de derrotado
Até eu perceber a armadilha que criei
Eu desmontei, o "triste" abandonei
Quanto tempo pra ver
Quantas horas sem crer
Que eu podia levantar
E o sentido voltar
Nessa estrada meus pés vão andar
O rosto parar de chorar
Fugindo da autodestruição
Novo fascínio, autopreservação
Aquilo que disseram "é drama"
Era verdade, mas alguém me ama
Eu me amo, mesmo que você não me ame
Minha mente diz "clame"
E eu digo "só reclame"
No automático, fixo estático
Parado olhando pro teto
Com medo do afeto
Eu criei o "pare"
Pro carro não bater
Até eu ver
Ele não anda, não andava
Agora engatou
A barreira finalmente atravessou
Eu sei o que eu preciso, eu fujo quando necessito
Eu sei quando preciso, eu fujo do impossível
Agora tudo é possível
Quando eu vi que me congelei
Por mim mesmo me apaixonei
E o gelo rachei, essa estátua triste quebrei

Agora eu sou o escultor, nunca mais tente me esculpir
Agora eu sou o artista, não me chamem de egoísta
Se eu tirar um tempo pra mim
Abandono a ideia de "fim"
Pois é pra nunca mais usar tintas vermelhas
Nunca mais machucar minhas veias
Cansei de ser ator, dramaturgo
Cansei de ser camponês em um burgo
E dar a coroa pros falsos reis fingidos
Eu também deixei de ser isso
Fingido como eles, mentiroso como eles
Não minto mais pra mim mesmo
Eu sei que posso, sei que devo
Brilhar sem minhas amarras
Sorrir sem antigas estacas
Sonhar sem horríveis pesadelos
Eram horríveis, mas não são reais
Foi eu que criei, e agora transformei
As trevas em luz eterna
A dor na esperança
Dei um fim no capítulo, ponto na história
Agora ela é nova, agora ela é minha
Agora sou eu, eu de verdade
Não alguém abalado, sou alguém exaltado
Finalmente o amor próprio matou Ouroboros.

Gabriel Bento Pereira
Idade 16 anos

Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.

10 – Setembro-se o ano todo.

Contatos:

O CVV – Centro de Valorização da Vida realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, e-mail e chat 24 horas todos os dias. **LIGUE 188** ou acesse <https://www.cvv.org.br/>.

CONTATOS MUNICIPAIS

ESF1 (51) 3742-2611
 ESF2 (51) 3742- 3399
 ESF3 (51) 3742-3576
 ESF4 (51) 3742-2157
 Vila Gramado (51) 9 9699- 3133
 Secretaria da Saúde (51) 3742-1164
 CRAS (51) 3742-2839
 Conselho Tutelar (51) 9 9725-0606

Autores:

Alana da Silva Lemos, 14 anos
 Cecília Folletto, 18 anos
 Fernanda Festinalli Dal Ri, 13 anos
 Gabriel Bento Pereira, 16 anos
 Isabela dos Santos Ramos, 14 anos
 Rafaela Grigollo Lazzari, 17 anos
 Raviny dos Santos Claussen, 15 anos

Equipe técnica:

Alba Letícia Muller
 Giansqui Tremea de Oliveira
 Nathalia Roehrs
 Simone Rose Chagas Silva
Instagram: @saudemental.sobradinho

Fonte: Cartilha para adolescentes. Setembro Amarelo. Secretaria da Saúde. Município de Sobradinho. 2022.